

A Crise
ECONÔMICA
VISTA DO BRASIL E DE PORTUGAL



MAIS PENSAMENTO
MENOS CONSUMO
UM MUNDO NOVO SÓ DEPENDE DE TI!

Emanuela Carvalho e João Rios

Índice

Introdução	4
PARTE I - UMA VISÃO GERAL DA CRISE	5
O que é crise?	6
Crise de 2008	8
Educação	10
Agências Reguladoras, Parcerias Público Privadas – PPPs, Instituições e Política	12
Violência urbana e educação	13
O novo Produto Interno Bruto – PIB	27
PARTE II -	35
CRÔNICAS DE PORTUGAL	35
Uma rápida apresentação	36
Em Portugal, política se discute!	37
A Crise	39
Sábado	41
PIGS?	43
Em tempos de crise, vamos às compras!	45
A contaminação da crise	47
A Crise e o Cigarro	49
O Velho Mundo	51

España y la crisis	55
Os Ricos Franceses e a Crise	57
Para eles, o caos	59
Crise e estradas vazias	61
Jovens, é tempo de crise!	64
Na crise, encare os trabalhos domésticos	66
Inverno, crise, frio	68
Yes, bebemos água da torneira!	69
Crise no futebol?	71
Eis que alguém bate à porta	74
Emprego já!	76
Vende-se	79
A crise que une	80
Filhos, não? Aborto, sim	82
A volta da Troika	84
Referências bibliográficas	86

Introdução

Este trabalho é uma modesta colaboração surgida da curiosidade de um casal de amigos sobre a crise financeira mundial de 2008. Ela, professora, pedagoga e poetisa, ele, escritor e fotógrafo. Este trabalho ressalta apenas a curiosidade de ambos, já que nenhum dos dois tem formação na área econômica, mas grande sensibilidade e são observadores atentos aos problemas do Brasil e do mundo.

Ela, Emanuela Carvalho, foi a Portugal fazer mestrado na área da Educação na Universidade de Coimbra. De lá, escreveu crônicas do que via nas ruas e das conversas com amigos, sempre com olhar direcionado para crise econômica. Ele, João Rios, formado em Geografia, é servidor concursado do Senado Federal. De cá, fez breve histórico das crises do capitalismo, abordou os problemas e soluções para o meio ambiente, educação, diminuição da violência urbana e sugeriu novos ingredientes tais como felicidade e tristeza para o cálculo do Produto Interno Bruto (PIB).

Qualquer pessoa com um verniz de conhecimento pode encontrar inúmeras razões para ver brechas e criticar este trabalho. Desarme-se das duras críticas e aproveite o que Emanuela e João Rios têm a dizer. Ainda assim, quaisquer críticas serão bem aceitas.

PARTE I - UMA VISÃO GERAL DA CRISE

O que é crise?

O vocábulo crise geralmente vem acompanhado de advérbio, pois são várias as crises conhecidas. Esse vocábulo é encontrado na psicologia, no meio ambiente, na economia, na política. Eis alguns tipos de crises: crise existencial, crise de identidade, crise nos relacionamentos humanos, crise ambiental, crise política. Em chinês, crise significa ‘oportunidades’. Na economia ocidental, é vista como o desempenho econômico irregular de um ou vários países. Neste trabalho, trataremos da crise econômica iniciada em 2008.

Ao procurarmos na *internet* o significado de crise, encontramos 5.480.000 resultados para frase “o que significa crise”. Ao pesquisarmos a frase “o que significa sucesso”, felizmente, encontramos 9.740.000 resultados. Esses números mostram que quase o dobro das pessoas que frequentam a *internet* está falando ou escrevendo sobre sucesso. É de se esperar que nossa sobrevivência dependa do sucesso nas relações dos seres humanos entre si, destes com o meio ambiente e até com as finanças.

Num tempo longínquo, tivemos os ciclos econômicos: do Pau-brasil, da cana-de-açúcar, da borracha, da mineração, do cacau e do café; ciclos que fizeram do Brasil um país rico. As riquezas produzidas por esses ciclos não se fincaram aqui. Por falta de *expertise* industrial e intelectual, aqueles produtos foram vendidos para países mais desenvolvidos que os transformaram, agregaram valor e os revenderam para o resto do mundo a preços muitos superiores do que foram pagos. Processo semelhante acontece hoje com a exportação *in natura* do café que, transformado na Alemanha e embalado em sachês sofisticados, faz daquele país o maior exportador mundial de café sem ter um pé dessa planta em seu território. Para este trabalho, fiquemos apenas com esse exemplo.

Num passado recente, tivemos a Grande Depressão ou Crise de 1930, crise econômica do México (1994), crise econômica da Argentina (1999-2001) e crise econômica dos Estados Unidos da América (2008) e da Europa (2010). Observamos que, de tempos em tempos, o mundo financeiro é sacudido em suas estruturas. Cada abalo traz desempregos, prejuízos emocionais e sofrimento para a maioria das pessoas dos países atingidos. Ciclos ou crises financeiras têm causado seguidas provas de resistência ao capitalismo. As crises não são exclusividade das sociedades capitalistas. Antigas sociedades socialistas, como União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, também sofreram para ajustar suas receitas e despesas.

Relembramos os vários motivos da grande crise de 1930, a mais devastadora, podemos citar::

-**Superprodução agrícola:** formou-se um excedente de produção agrícola nos EUA, principalmente de trigo, que não encontrava comprador, interna ou externamente.

-**Diminuição do consumo:** a indústria americana cresceu muito; porém, o poder aquisitivo da população não acompanhava esse crescimento. Aumentava o número de indústrias e diminuía o de compradores. Em pouco tempo, várias delas faliram.

-**Livre Mercado:** cada empresário fazia o que queria e ninguém se metia.

-**Quebra da Bolsa de Nova York:** de 1929 a 1929, os americanos compraram ações de diversas empresas. De repente o valor das ações começou a cair. Os investidores quiseram vender as ações, mas ninguém queria comprar. Esse quadro desastroso culminou na famosa “Quinta-Feira Negra” (24/10/1929 – dia que a Bolsa sofreu a maior baixa da história) (Gomes C. , 2007)

A Rússia, país rico e desenvolvido, teve sua crise iniciada em 1991 e declarou moratória em 1999. A partir de 2007, com a eleição do presidente Vladimir Putin, o país começa a recuperar sua economia. “No ano de 1998 o PIB russo encolheu 4,9% e a inflação daquele ano atingiu 84%.” “O desemprego atingia 15% da população economicamente ativa, e 35% dos russos passaram a viver abaixo da linha da pobreza”. A crise russa durou oito anos. Noutro extremo, caso de um país pobre, temos a Argentina que entrou em crise no fim da década de 1999 e, ainda em 2012, após treze anos, sequer deu sinais de recuperação econômica.

Crise de 2008

A crise de 2008 iniciou-se quando a bolha imobiliária americana cresceu e abalou a economia dos Estados Unidos. Essa crise já dava sinais em meados de 2007. Nesse ano, os bancos americanos emprestaram dinheiro a clientes que não tinham lastro para quitar suas dívidas. As garantias que os clientes davam eram suas casas. Com a queda dos preços dos imóveis, reduziram-se as garantias dos empréstimos.

Diante da ameaça de inadimplência, os bancos negaram novos empréstimos. Sem dinheiro circulando, caiu o número de novos compradores de imóveis. Em consequência, caiu o número de empregados e o consumo. Começa então a recessão em todo o país. Naquela época, cerca de 14 milhões (9%) de trabalhadores americanos perderam seus empregos, suas casas e foram morar em barracas armadas em acampamentos coletivos. Bancos considerados sólidos como Citigroup e Merrill Lynch tiveram prejuízos de cerca de US\$ 10 bi cada um. Sendo os Estados Unidos o grande comprador mundial, com a crise, todos os seus parceiros foram diretamente afetados. Inclusive o Brasil. As bolsas do mundo viram seus desempenhos caírem.

Com a crise em andamento, as gigantes do setor hipotecário Fannie Mae e Freddie Mac sofreram intervenção do Tesouro americano. O quarto maior banco de investimentos dos EUA, o Lehman Brothers, pediu concordata. O Bank of America, fechou um acordo de compra do banco de investimentos Merrill Lynch, por US\$ 50 bilhões, criando “a maior companhia de serviços financeiros do mundo”. “Em 17 de março de 2008, o quinto maior banco dos Estados Unidos, Bear Stearns, recebeu uma proposta de compra, por parte do JP Morgan, de US\$ 2 por ação, preço irrisório, 90% inferior ao do pregão anterior.” (UOL, 2013)

“Dois dias depois, um novo golpe nos investidores: o preço de *commodities* sofreu forte queda no mercado internacional, derrubando a cotação das ações das duas maiores empresas de capital aberto do país, a Petrobras e a Vale.”(UOL, 2013)

“O mundo tem hoje (2012) cerca de 200 milhões de desempregados. Desde a crise financeira internacional de 2008, mais de 20 milhões de empregos foram perdidos, segundo estudo publicado pela Organização Internacional do Trabalho (OIT) e pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico - OCDE.” (Lopes, 2011)

O bloco dos PIIGGS (se considerar somente uma vogal, significa porco, em inglês), formado por Portugal, Itália, Irlanda, Grécia, Grã-Bretanha e Espanha (Spain, em inglês) é um apelido de gosto duvidoso aos países que devem ser assolados pela crise financeira nos próximos anos a partir de 2012. A propósito, foi a partir da vivência da crise em um desses países, Portugal, que Emanuela Carvalho e eu iniciamos este trabalho. Os PIIGGS são uma alusão oposta aos BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul – South Africa), que, em inglês, remete a *brick* (tijolo), sugerindo algo sólido.

Estamos convictos que as crises econômicas baterão às portas de todos os países de economia capitalista. Analisando a história do capitalismo, deduzimos que todos os países de economia capitalista sofrerão, intensa ou levemente, uma crise ou a repercussão de uma escala global.. Alguns estudiosos afirmam que “o desenvolvimento segue um ciclo de transformações a cada 50 anos”. A diferença está na capacidade da recuperação econômica dos países atingidos. Percebemos que os países mais ricos tendem a sair das crises em menos tempo do que os mais pobres. Analistas econômicos pressupõem que os países europeus começarão a sair (ou emergir) da crise de 2008 entre 2013 e 2014, isto é, a crise deles durará de cinco a seis anos.

Educação

No *ranking* da educação, feito pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura- Unesco, o braço da ONU para a cultura e educação, o Brasil está em 88º lugar entre 127 países. (Folha, 2013) “Com isso, o país fica entre os de nível "médio" de desenvolvimento na área, atrás de Argentina, Chile e até mesmo Equador e Bolívia”. No campo social, o relatório do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) para 2010, mostra o Brasil na 73ª posição entre 169 países. Os cinco primeiros colocados são, pela ordem, Noruega, Austrália Nova Zelândia, Estados Unidos e Irlanda. Os cinco últimos são Zimbábue, República Democrática do Congo, Níger, Mali e Burkina Faso. (G1, 2013)

No caso do Brasil, onde os professores da educação básica ganham “pouco mais de US\$ 9.000 anuais (considerando o 13º salário). Nos países da Organização para Cooperação e o Desenvolvimento Econômico - OCDE a média salarial anual dos professores em início de carreira fica entre US\$ 27.541 (salário inicial na educação pré-primária) e US\$ 30.899 (salário inicial nos anos finais do ensino secundário). Em países como Áustria, Bélgica, Alemanha, Coreia e Suíça, entre outros, os salários na educação básica podem ultrapassar US\$ 60.000 por ano” (Senado, 2012).

Como se pode comemorar o crescimento econômico brasileiro se o país ainda rasteja na lista do nível educacional e possui enorme desigualdade social, enquanto os países mais desenvolvidos, mesmo em crise, estão décadas à nossa frente?

Entre 2011 e 2012, o Brasil demonstrou enorme capacidade financeira. A crise econômica mundial, que foi chamada de ‘marolinha’, aumentou o poder aquisitivo das classes menos favorecidas e derrubou a taxa de desemprego. O que nos faz desacreditar na duração

desse crescimento vigoroso é não vermos políticas governamentais fortes, nem manifestação da classe política ou da sociedade, que apontem para mudanças nos padrões do nosso crescimento social igual ou equivalente aos dos países desenvolvidos. Entendemos que a educação básica é o principal pilar para sustentar o crescimento brasileiro. Fica difícil acreditar que seremos superpotência se, dos jovens entre 15 e 24 anos, apenas 46% frequentam a escola; dos jovens de 18 a 24 anos, apenas 30% completaram o ensino médio; dos jovens de 15 a 19 anos, apenas 70% frequentam a escola; dos jovens de 20 a 24 anos, apenas 23% estão estudando. “Mais grave ainda: somente 13% dos jovens entre 18 a 24 anos frequentaram o curso superior” em 2010. Dentro desses 13%, devemos considerar aqueles estudantes que frequentaram as faculdades e centros de ensinos particulares, cuja qualidade é questionada pelo Ministério da Educação quando realiza avaliações da qualidade do ensino superior.

Na tentativa de melhorar a qualidade da nossa educação, anualmente o MEC fiscaliza a grade curricular, instalações físicas e a qualificação do corpo docente de todas as instituições de ensino superior. Citando apenas um exemplo, em 2011, o Ministério da Educação cortou “514 vagas de medicina em cursos com baixa qualidade” (Senado, 2012) cujas instituições não ofereciam condições de formar um profissional minimamente qualificado.

Entendemos que a evolução da qualidade da nossa educação passa por políticas que exigem pesados investimentos financeiros, compromisso dos governantes em aplicar esses recursos e da sociedade em fiscalizar e exigir da classe política mais compromisso com a educação.

Se, com a educação de baixa qualidade, especialmente no ensino básico, conseguimos chegar à sexta potência econômica mundial (mesmo retornando à sétima colocação meses depois), acreditamos que mais investimentos na educação nos lançarão verdadeiramente ao *podium* dos países mais desenvolvidos.

Agências Reguladoras, Parcerias Público Privadas – PPPs, Instituições e Política

No campo institucional, o Brasil carece de mais robustez. O país não consegue dar autonomia às suas Agências. Embora, à letra da lei, elas sejam independentes, seus diretores possuam mandatos, e sejam sabatinados pelo Senado Federal, o Governo Federal consegue sufocar a independência das agências e acaba afugentando o investimento privado. Somando-se à interferência nas Agências, a falta de segurança jurídica nos contratos com a iniciativa privada, para a formação das Parcerias Público Privadas – PPPs, traz enormes dúvidas ao investidor privado para aplicar seus recursos no Brasil.

A maior prova de que precisamos das PPPs é a exaustão administrativa e financeira do Estado brasileiro para suprir todas as demandas de infraestrutura. A construção dos estádios para a Copa do Mundo de 2014 mostrou-nos a necessidade de flexibilizarmos nossas leis, como feito com a Lei das Licitações (Lei nº 8.666/1993), que inspirou o Regime Diferenciado de Contratações – RDC exclusivo para as obras da Copa (Lei nº 12.462/2011).

Já em competitividade, saltam aos olhos os desafios que temos a enfrentar. Competitividade e integração internacional, autonomia e harmonia fiscal, responsabilidade macroeconômica, estabilidade normativa, oportunidades sociais iguais e transparência nas relações do Estado com os cidadãos são assuntos que precisam ser melhor debatidos pela sociedade e autoridades e aperfeiçoados pelo Congresso Nacional.

No momento da elaboração deste trabalho, o Brasil vivia um estado de graça no campo jurídico. O Supremo Tribunal Federal finalizava o julgamento da Ação 470, conhecida como “Mensalão do Partido dos Trabalhadores”. Estão sendo julgados e condenados os principais dirigentes do Partido, enquanto esse partido ainda está no poder. Esse julgamento mostra a independência da Justiça, expõe a fortaleza

da nossa democracia e a certeza de que os corruptos serão mais cautelosos nas suas próximas ações ilícitas, podendo até desistir delas. Mostramos que nossa democracia está forte e que a Presidente do Brasil não pode tudo, não tem poderes absolutos. Os projetos do Governo são explicados e precisam ser negociados com o Congresso Nacional.

Em vários momentos difíceis, o brasileiro demonstrou grande capacidade de compromisso e inteligência para resolver problemas. Foi assim nos apagões elétricos em julho de 2001 e setembro de 2002, que, devido à falta de chuvas, levaram o governo a pedir a população para fazer um racionamento forçado e diminuir o consumo de energia. O apelo foi plenamente atendido. A presença massiva do governo e da população no programa da vacina contra a poliomielite garante a erradicação da doença no Brasil. Outro programa bem sucedido, até exportado para vários países, é o de assistência aos portadores do vírus HIV. Parabéns ao Brasil! No entanto, percebemos a coincidência de investimentos nos casos onde ricos e pobres estão igualmente expostos. Apenas onde o perigo mostra-se democrático.

Cobramos aqui o mesmo engajamento dos governantes para erradicar o analfabetismo, federalizar a educação básica, tal como federalizou a educação superior. Aguardamos igual empenho das autoridades no combate aos assaltos ousados e cinematográficos, à luz do dia, em qualquer das nossas cidades, e a remoção das famílias que moram em locais sujeitos a enchentes, cujas casas, a cada temporada de chuvas, são invadidas pelas águas ou levadas pelas enxurradas.

Violência urbana e educação

A seguir dados do Ministério da Justiça (MJ, 2012), divulgados em dezembro de 2011, sobre o nível educacional, idade e cor de pele/etnia dos homens brasileiros presos:

Tabela 1 – Quantidade de homens presos por grau de instrução

<u>Homens presos por grau de instrução</u>		
Analfabeto	24.973	5,84%
Alfabetizado	55.853	13,07%
Ensino Fundamental Incompleto	203.620	47,67%
Ensino Fundamental Completo	55.257	12,93%
Ensino Médio Incompleto	49.309	11,54%
Ensino Médio Completo	33.091	7,74%
Ensino Superior Incompleto	3.291	0,77%
Ensino Superior Completo	1.680	0,39%
TOTAL	427.074	99,95%

Quantidade de homens presos por grau de instrução

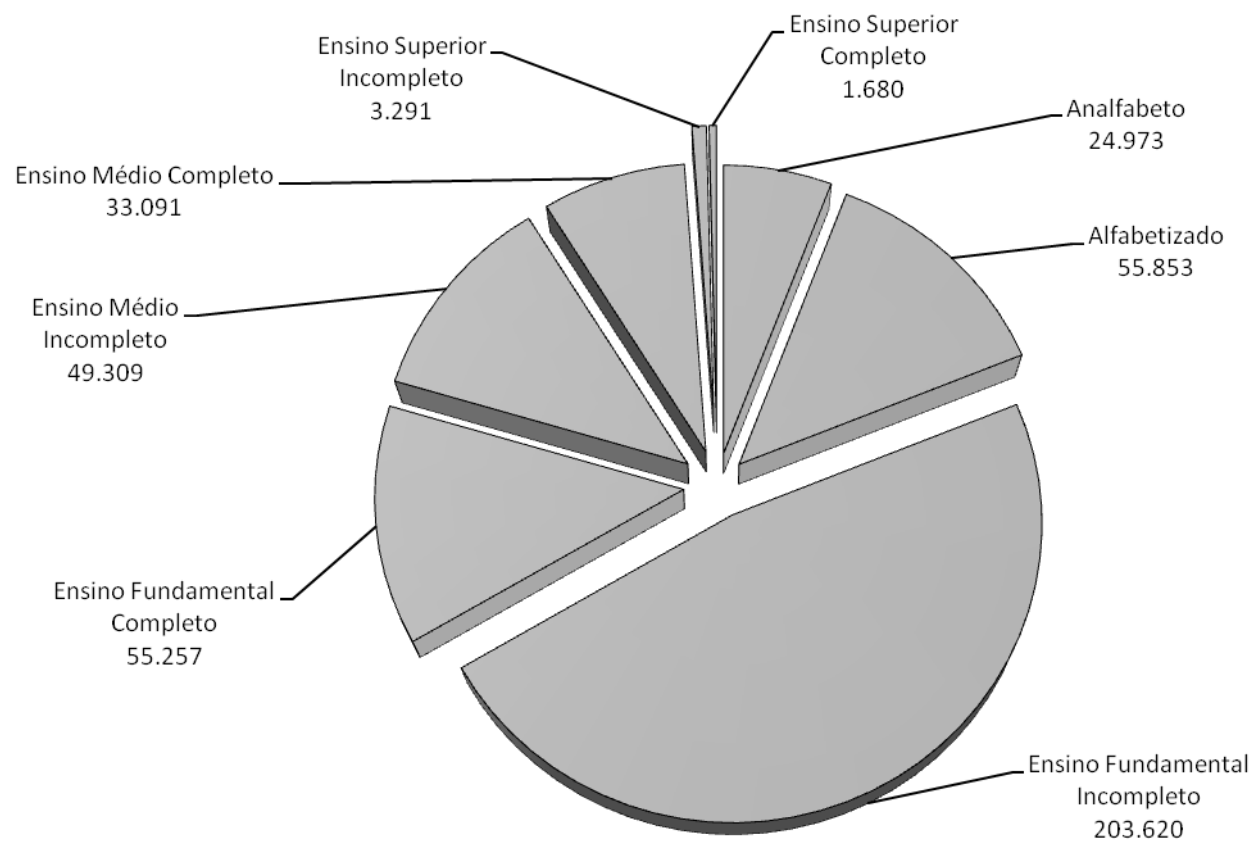


Gráfico 1 – Dados referentes à Tabela 1

Tabela 2 – Quantidade de homens presos por faixa etária

<u>Homens presos por faixa etária</u>		
18 a 24 anos	127.005	32,67%
25 a 29 anos	111.184	28,60%
30 a 34 anos	79.859	20,54%
35 a 45 anos	70.686	18,18%
TOTAL	388.734	99,99%

Quantidade de homens presos por faixa etária

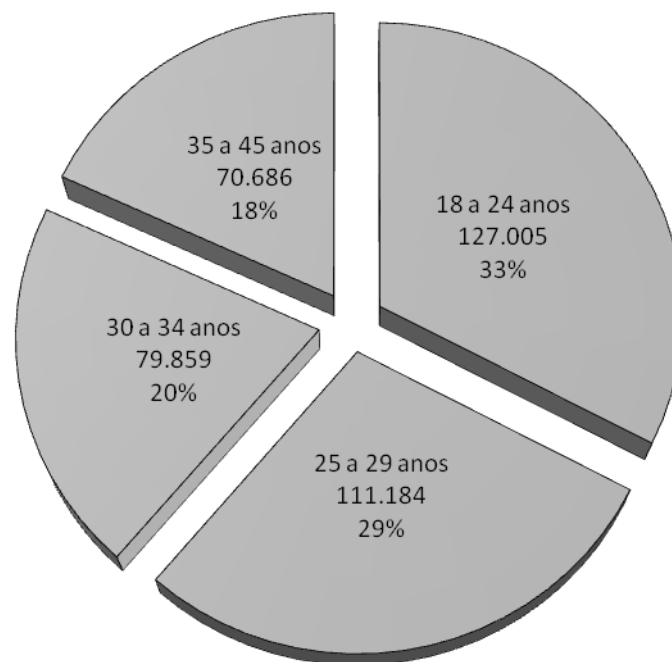


Gráfico 2 – Dados referentes à Tabela 2

Tabela 3 – Quantidade de Homens Presos por Cor de Pele/Etnia:

<u>Homens presos por cor de pele/etnia</u>		
<u>Parda</u>	185.760	44,94%
<u>Branca</u>	156.120	37,77%
<u>Negra</u>	71.386	17,27
TOTAL	413.266	99,98%

Quantidade de Homens Presos por Cor de Pele/Etnia

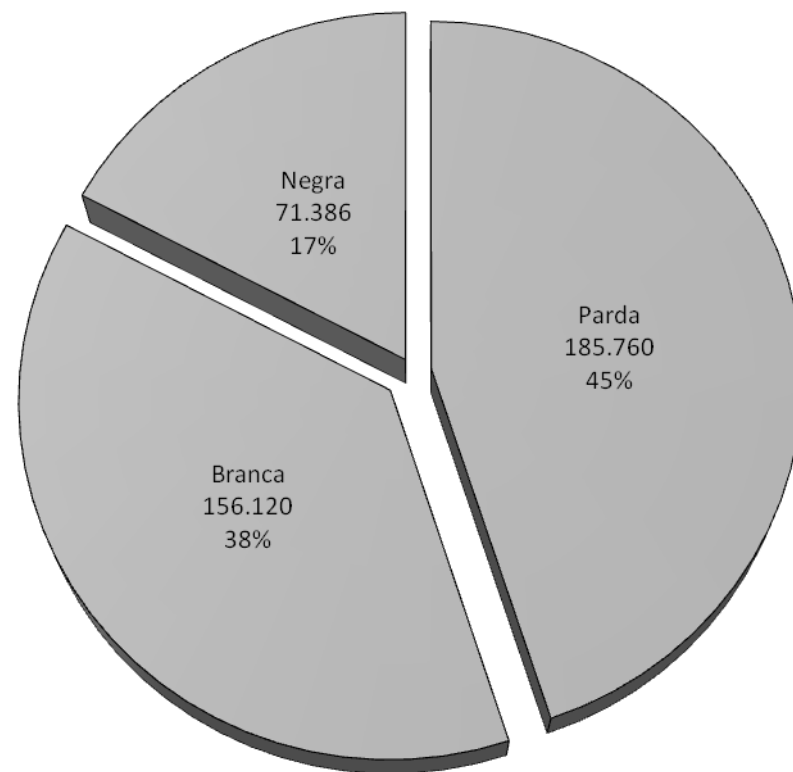


Gráfico 3 – Dados referentes à Tabela 3

Por esses dados podemos inferir que a violência urbana brasileira está sendo comandada pelos homens de 18 a 34 anos (81,81%), com baixíssima escolaridade (91,05% possuem até o ensino médio incompleto), pardos e brancos. Diante desses dados, estamos convictos da importância das políticas sociais, embora estejam sendo apenas paliativas. Para diminuir drasticamente a violência nas cidades, a solução seria investir em educação básica e integração da juventude em programas de aprendizagem profissional, para inseri-la no mercado de trabalho.

O fato de 37,77% dos homens terem-se declarado brancos, e 44,94% pardos, não nos causou estranheza já que o Censo Demográfico de 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), relata em sua página na internet: “Dos entrevistados, 96% afirmam que saberiam fazer sua autotaxonomia no que diz respeito a cor ou raça. Ao ser indagada a cor ou raça (com resposta aberta), 65% dos entrevistados utilizaram uma das cinco categorias de classificação do IBGE: branca (49,0%), preta (1,4%), parda (13,6%), amarela (1,5%) e indígena (0,4%), além dos termos “morena” (21,7%, incluindo variantes “morena clara” e “morena escura”) e “negra” (7,8%). Entre os estados, o Amazonas se destacou com o menor percentual de respostas para cor “branca” (16,2%) e a maior proporção de uso do termo “morena” (49,2%). Já o maior percentual da resposta “negra” foi no Distrito Federal (10,9%), onde as respostas “branca” e “parda” tiveram proporções iguais (29,5%).” (IBGE, 2013)

“A investigação sobre cor ou raça revelou que mais da metade da população declarou-se parda ou preta, sendo que em 21 estados este percentual ficou acima da média nacional (50,7%). As maiores proporções estavam no Pará (76,8%), Bahia (76,3%) e Maranhão (76,2%). Apenas em Santa Catarina (84,0%), Rio Grande do Sul (83,2%), Paraná (70,3%) e São Paulo (63,9%) mais da metade da população havia se declarado branca em 2010.” (IBGE, 2013)

O Governo Federal tem exemplos bem sucedidos no combate à mortalidade infantil. Segundo o Ministério da saúde “o País deve atingir em 2012 uma das metas estabelecidas pela Organização das Nações Unidas (ONU) no documento “Objetivos de Desenvolvimento do

Milênio”, graças à redução de 59% na mortalidade infantil no período de 1990 a 2007, em que o número de mortes a cada mil bebês nascidos caiu de 47,1 para 19,3”. Sendo que “a ONU estabelece como máximo o número de 14,4 óbitos por mil nascidos vivos” (PortalBrasil, 2012).

As principais ações do Brasil para diminuir a mortalidade infantil têm sido “vacinação das mulheres e das crianças; amamentação; tratamento da desidratação decorrente da diarreia; atendimento pré-natal da gestante; atendimento ao parto; atendimento médico da criança; nutrição adequada; saneamento e habitação adequados” (MS, 2012).

As políticas públicas são para salvar as crianças – ricas ou pobres, porque todas elas estão vulneráveis às mesmas doenças e males. Na adolescência, a violência tem atingido principalmente os jovens negros, pobres e sem estudo. Fica-nos a impressão que na infância a morte é democrática, na adolescência é seletiva. Enquanto existe grande esforço em combater a mortalidade infantil, percebemos que não existe a mesma preocupação em combater a mortalidade juvenil, já que nossos criminosos (82,71%) são homens de 18 a 29 anos. Protegemos na infância e abandonamos na adolescência.

São esses jovens pouco escolarizados que amedrontam todos os cidadãos brasileiros, da criança ao idoso, do cidadão comum ao da classe alta, caso da Presidente do Supremo Tribunal Federal – Ellen Gracie – assaltada com toda sua comitiva de segurança no Rio de Janeiro, em dezembro de 2006. Estamos diante de uma guerra urbana camuflada com os nomes de sequestro-relâmpago, bala perdida, assalto à mão armada, explosão de caixas eletrônicos dos bancos e outros eventos iniciados pela bandidagem.

No dia 19/11/2012, o Ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo, palestrando no 26º Congresso Brasileiro de Direito Administrativo disse “que preferia a morte, a cumprir pena em um presídio do país”. Enfatizou que, além de "medievais", nossas as cadeias são "escolas da criminalidade". Esse comentário não veio solto no ar. Teve como pano de fundo os acontecimentos daqueles dias, quando o Supremo Tribunal Federal havia julgado e condenado à prisão em regime fechado os réus do mensalão do PT, partido do Ministro.

Laurentino Gomes, em seu livro 1822 (página 22), relata o medo que a elite do Brasil imperial tinha de uma possível reação dos escravos, que nunca aconteceu. Aquela elite formada por “traficantes de escravos, fazendeiros, senhores de engenho, pecuaristas, charqueadores, comerciantes, padres e advogados, se congregou em torno do imperador Pedro I como forma de evitar o caos de uma guerra civil ou étnica que, em alguns momentos, parecia inevitável”. Na página 253 ele continua: “O pavor das rebeliões de escravos tirava o sono das famílias brancas, abastadas e bem educadas”. Mas os negros nunca agiram. Com a abolição da escravatura esses escravos foram jogados na rua sem casa, estudos ou emprego. Foram morar nas margens das cidades, fundaram as favelas.

Nesse ano de 2012, os descendentes daqueles escravos continuam amedrontando a elite. Desta vez agiram mesmo. Assaltando, sequestrando em plena luz do dia ou explodindo caixas eletrônicos dos bancos. Criaram até uma profissão ‘flanelinha’ que muitas vezes serve para abrigar vendedores de drogas ou, em conluio com assaltantes, vigiar os passos da população e indicar o melhor momento para o ataque. Para se proteger, a elite passou a morar em condomínios fechados, eletrificou as cercas e muros, instalou câmeras nas ruas, nos restaurantes, nos centros comerciais e alarmes nas residências. Colocou películas escuras nos carros, foi obrigada a estacionar seus automóveis em garagens policiadas... E continua amedrontada!

À época da escravatura o homem branco invadia as casas dos negros africanos. Tal qual animal selvagem, os negros eram amarrados, humilhados à frente dos filhos, da mulher e familiares. Em seguida eram jogados num navio rumo ao Brasil. Assim, o homem branco destruturava um lar. Fazia chorar a família que ficava e matava a honra do homem preso e subjugado. O marido e pai zeloso tornava-se homem escravizado, açoitado nos pelourinhos em plena praça pública. O pai de família tornava-se coisa. Para tal crueldade não existia lei escrita, bastava a lei dos costumes. Por toda essa crueldade aqueles homens brancos não eram punidos. Eram louvados e considerados pessoas de bem por toda a sociedade. O negro, por outro lado, era condenado à pena de morte se tentasse contra a vida do seu senhor como estipulava decreto imperial de 11/4/1829:

“Tendo sido muito repetidos os homicídios perpetrados por escravos em seus próprios senhores, talvez pela falta de pronta punição, como exigem delitos de uma natureza tão grave, e que podem até ameaçar a segurança pública; e não podendo jamais os réus compreendidos neles fazerem-se dignos da minha imperial clemência; hei pó bem. Tendo ouvido o meu Conselho de Estado ordenar, na conformidade do artigo segundo da lei de onze de setembro de 1826, que todas as sentenças proferidas contra escravos, por morte feita a seus senhores, sejam logo executadas independente de subirem a minha imperial presença. As autoridades, a quem o conhecimento deste pertencer, o tenham assim entendido, e façam executar.”

Hoje os descendentes desses escravos estão agindo da mesma maneira que aqueles brancos. Os delinquentes atuais invadem as casas dos brancos, amarram-nos pés e mãos, silenciam suas bocas, estupram suas filhas, levam sua honra, dinheiro, joias e automóveis. Esses marginais humilham o pai de família à frente dos filhos e esposa. Desestruturam a família. Os marginais atuais não vendem carne humana viva, vendem seus bens. Não transportam suas vítimas em navios além-mar, mas provocam a mudança de cidade das famílias esgarçadas de dores. Não existia punição para os brancos que prendiam e vendiam carne humana viva. A escravidão, embora não autorizada por lei, era permitida e incentivada pelas leis dos costumes, pela polícia e sociedade. A violência urbana dos descendentes de escravos é proibida por lei, os infratores são presos e castigados. Ainda assim eles desafiam as leis, a polícia e a sociedade.

Como não pretendemos só criticar, sugerimos o investimento em educação básica para combater a criminalidade. Dados do Ministério da Justiça mostram que quanto mais escolaridade menor a quantidade de presidiários.

Destacamos apenas a grande diferença entre os criminosos que tem Ensino Fundamental Incompleto (47,67% da população carcerária), e os quem tem Ensino Fundamental Completo (12,93%). Esses indivíduos fora da escola e dentro das cadeias representam prejuízos para a indústria e o comércio, para as artes, para a família e amigos.

Incentivados a estudar e arranjar emprego, esses indivíduos poderão comprar roupas, calçados, alimentos. Também comprarão livros, irão ao teatro, cinema. Farão parte de um grupo familiar e conviverão em meio aos amigos da escola, do trabalho, da igreja etc. Será um indivíduo pleno de seus direitos civis, convivendo em sociedade e dando lucro para as indústrias. No tocante à cultura, é comum vermos reportagens sobre talentos descobertos nas cadeias. São presos que acabam estudando e ingressando em cursos superiores. Nesses ambientes são inúmeras as descobertas de músicos e pintores. Antes que alguém menos avisado nos interprete mal, não defendemos perdão de penas ou livramento de qualquer criminoso. Entendemos que todos devem pagar pelos seus crimes de acordo com a lei. A nossa discussão é para que, através da educação de qualidade, evite-se a entrada de mais jovens no mundo crime.

“Nova edição do Mapa da Violência, elaborado pelo sociólogo Julio Jacobo Waiselfisz e editado pela Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flacso) e o Centro Brasileiro de Estudos Latino-americanos (Cebela), traz grave alerta sobre o que chama de “epidemia” da violência no Brasil contra crianças e adolescentes.”

“Em um ranking de 92 países do mundo, apenas El Salvador, Venezuela e Guatemala apresentam taxas de homicídio maiores que a do Brasil (44,2 casos em 100 mil jovens de 15 a 19 anos). Todos os três países têm economia menor que a brasileira, não dispõem de um sistema de proteção legalizado como o Estatuto da Criança e do Adolescente (com 22 anos de existência) nem programas sociais com o número de beneficiários como o Bolsa Família (que entre outras contrapartidas orienta o acompanhamento da família matriculando os filhos na escola e mantendo em dia a vacinação)” (AgênciaBrasil, 2012).

Quanto custa manter um jovem estudando? Quanto custa mantê-lo na cadeia? Na universidade federal, custa R\$ 1.498,00 por aluno/ano; na cadeia federal, R\$ 3.312,00 por preso/ano.

Ainda que na cadeia custasse menos que na escola, quanto custa a desgraça que ele provocou numa família quando assaltou, assassinou ou estuprou? Ao ser agredida, a vítima gasta boa fortuna com remédios, psicólogos, funerária. Torna-se menos produtiva no trabalho, na escola... na vida. Essa tristeza, essa improdutividade durante o luto precisa entrar no PIB.

Se a Justiça é implacável com esses marginais analfabetos, por que não condenar os governantes negligentes com a educação das crianças e jovens? Se não condena um culpado, o juiz incorre em improbidade administrativa e outros delitos. Qual a pena para o governante que negligenciou a educação dos seus eleitores? Essa pena precisa existir.

O jovem fora da escola é um inimigo em potencial. Na escola é potencialmente um professor, médico, engenheiro, político, administrador...

O novo Produto Interno Bruto – PIB

O Produto Interno Bruto (PIB) serve para medir a riqueza de um país. É calculado pelo IBGE. Em linhas gerais, o PIB é a diferença entre os produtos comprados do exterior e os produtos produzidos no país. Quando o país importa mais do que exporta, diz-se que o PIB será negativo. Prejuízo para o país. Quando a riqueza produzida dentro do país e exportada for maior do que ele importou, o PIB será positivo. Lucro para o país.

Não confundir o Produto Interno Bruto com o Produto Nacional Bruto (PNB), que são as riquezas produzidas pelas empresas dentro do país e também por suas filiais em outros países.

Os dois maiores sonhos de consumo do brasileiro são primeiro comprar uma casa, depois um carro. Não basta adquirir esses bens, precisa-se também avaliar a qualidade de vida do cidadão com esses bens. O indivíduo precisa receber a casa num bairro onde já exista escola de boa qualidade, força policial, as ruas estejam pavimentadas e com esgoto sanitário. A mesma preocupação vale para os transportes. Como são escassos os investimentos públicos em transportes metropolitanos e urbanos, o cidadão vê-se compelido a comprar um automóvel. No momento da elaboração deste trabalho, o automóvel no Brasil recebia vários incentivos, tais como isenção de IPVA e parcelas módicas em até sessenta meses o que o tornava acessível a todas as camadas populares. O governo facilita a aquisição do carro, mas não oferece estacionamentos públicos nem reorganiza as cidades para descongestionar os centros urbanos. Por que incentivar o cidadão a comprar um carro se os grandes congestionamentos não o deixam se locomover?

O brasileiro trabalha oito horas por dia e gasta, em alguns casos, cerca de seis horas dentro do automóvel apenas no trajeto casa-trabalho-casa, totalizando catorze horas por dia longe do lar-doce-lar. É tempo gasto pelo trabalhador impedido de chegar ao destino. Esse atraso causa irritação, nervosismo, alteração de humor, diminui a produtividade e acaba prejudicando a saúde. Por mais que algumas autoridades financeiras não queiram reconhecer, essa irritação por causa do trânsito se reflete nos gastos com a saúde do trabalhador. Precisa-se contabilizar o tempo gasto nos engarrafamentos e com as doenças causadas por essa fadiga. Esse cálculo precisa entrar no nosso PIB.

Na madrugada de 27 de janeiro de 2013, o Brasil foi sacudido com o incêndio na boate Kiss, na cidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul. Naquela noite, morreram mais de duzentos e trinta jovens. O principal motivo de tantas mortes foi a utilização de fogos de artifício por um dos músicos que fazia parte da banda, que se apresentava no local. Com o início do incêndio, muitas pessoas não tiveram como sair do salão. Só uma porta de saída, que também servia como entrada. Não havia saída de emergência.

Esse caso chocou o Brasil inteiro e foi divulgado em todos os noticiários do mundo. Cada vez que a televisão trazia notícias desta catástrofe, espectadores e jornalistas não conseguiam disfarçar as lágrimas. Certamente naquele janeiro e nos meses seguintes a produção intelectual e industrial do Rio Grande do Sul foi abalada. Se o foi, as consequências do sofrimento daquela cidade e dos espectadores que também sofreram, têm que ser consideradas no PIB.

Aos poucos nos conscientizamos que o modelo capitalista vigente precisa ser revisado. A sociedade e os políticos, em particular as autoridades financeiras, aos poucos sinalizam a necessidade de novos padrões que promovam a convivência pacífica entre o trabalhador e o dono do capital. Não é correto o trabalhador ver no patrão um mero especulador como também não é justo o patrão ver no trabalhador apenas um fazedor de riquezas, sem direito a usufruí-las.

Essa mudança de mentalidade exige uma contextualização com vários segmentos, não apenas entre a força de trabalho e o dinheiro. Esse novo paradigma prevê nova relação da sociedade com as crianças e idosos, das indústrias automobilísticas com o meio ambiente, das fábricas de armas bélicas com a paz e a segurança, dos fabricantes de bebidas alcoólicas com os alcoólatras e com as vítimas dos motoristas embriagados.

Sobre o meio ambiente já podemos detectar alguns bons sinais. O governo brasileiro implantou o programa Município Verde que proíbe o repasse de recursos às cidades que não adotaram sistema de proteção ambiental. No momento em que elaboramos este trabalho, a cidade paraense de Paragominas era um exemplo bem sucedido de boa convivência do ser humano com o meio ambiente. “Até 2008, a cidade já tinha perdido 43% de sua área de floresta por conta das atividades locais que provocavam o desmatamento.” Com o pacto entre madeireiros, sociedade organizada e prefeitura “a cidade conta com um programa de reflorestamento que planta cerca de 10 mil árvores por ano, por meio de processos de produção sustentável (socialmente justo, sem o uso de trabalho escravo ou infantil e sem recursos provenientes do desmatamento) (Quadros, 2012).”

A preocupação e o engajamento em favor do meio ambiente felizmente vem despertando grande parte dos governantes e sociedades organizadas. Vários países compradores de nossos produtos, principalmente carne bovina, não o fazem se o gado for criado com pastagens em áreas de proteção ambiental. Exemplo seguido por alguns supermercados brasileiros e cidades que não aceitam essa carne na merenda escolar de suas crianças. É o capitalismo defendendo a economia verde e recusando a economia cinza.

Não se pode comemorar o sucesso do capitalismo se pais de famílias são despedidos de seus empregos para aumentar o lucro das empresas; tampouco podemos concordar com a demissão do trabalhador no auge do seu conhecimento técnico e capacidade produtiva. Não demonizamos o lucro, mas também não o louvaremos se ele cresce em razão do sofrimento de muitos desempregados. Comemoramos o aumento

do Produto Interno Bruto – PIB, mas não o comemoraremos se ele cresce à custa da poluição dos gases tóxicos emitidos pelos automóveis, crescimento na produção de armas bélicas ou de bebidas alcoólicas ingeridas por nossa juventude que, conhecendo a frouxidão das leis, dirige embriagada e arrisca-se a atropelar e matar inocentes que caminham tranquilamente pelas calçadas.

No dia 15 de dezembro de 2012, em Brasília, durante a Conferência Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente, a presidente Dilma Rousseff disse que não é com o Produto Interno Bruto que se deve medir uma nação. “Porque uma grande nação, ela deve ser medida por aquilo que faz para suas crianças e para seus adolescentes. Não é o Produto Interno Bruto, é a capacidade do país, do governo e da sociedade de proteger o que é o seu presente e o seu futuro, que são suas crianças e adolescentes” (G1, 2013). Acreditamos que a Presidente defendeu novo modelo de PIB porque ela estava sob pressão política por causa do resultado econômico insatisfatório. Naquele ano a previsão de crescimento do PIB era de apenas 1%. “Se confirmado, o resultado do Produto Interno Bruto (PIB) deste ano será o pior desde 2009, quando o país sentia os efeitos da primeira etapa da crise financeira internacional. Naquela ocasião, o PIB registrou retração de 0,3% (diariodeteresina, 2012).”

Nessa nova postura do capitalismo, a Economia, enquanto mentora das relações de lucros e perdas, deverá abraçar novos índices para medir o PIB de um país. Por que não incluir nesse cálculo a felicidade, a alegria, a gentileza? Em 2014, teremos uma semana de carnaval, sediaremos a Copa do Mundo e teremos eleição para Presidente da República. A combinação do carnaval com a possibilidade de ganharmos a taça e do nosso candidato ser eleito trará enorme euforia e satisfação a todos nós. Chegará o fim do ano e não se considerará esse estado de espírito? Quanto vale essa alegria? O indivíduo alegre, satisfeito ou feliz, compra mais, produz e reproduz mais.

Por que também não incluir no PIB os desgastes sofridos por causa das preocupações dos brasileiros? Pesquisa realizada pelo Instituto Trata Brasil e o Ibope (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística) mostra que “quando questionados sobre quais as três áreas

mais problemáticas nas cidades, a saúde apareceu entre os citados por 61% das pessoas” (Saudeweb, 2012). O indivíduo tem o sofrimento aumentado só em saber que será atendido num hospital sem médicos, macas nem remédios.

“Esses são alguns dos resultados da pesquisa “A percepção do brasileiro quanto ao saneamento básico e a responsabilidade do poder público”. Nas entrevistas feitas com 1008 cidadãos em todas as regiões do país, a área da saúde foi apontada como prioritária para 37%. Na sequência, aparecem a segurança pública (16%), educação (11%), drogas (9%) e emprego (4%) (Saudeweb, 2012).”

“A pesquisa repete a tendência verificada em anos anteriores. Sondagens do mesmo instituto apontaram a saúde liderando o ranking de preocupações em todas as regiões brasileiras. Em 2009, este item foi mencionado por 27% dos entrevistados, e, em 2010, pesquisa semelhante encomendada pelo Jornal Nacional (Rede Globo) também apontou a saúde como o setor mais preocupante – foi a escolha de 41% dos entrevistados (Saudeweb, 2012).”

Apesar de todas essas preocupações chegamos à sexta potência econômica. Se diminuíssemos essas preocupações qual seria a nossa posição no cenário mundial? Se as considerarmos certamente descenderemos de posição. Se não as consideramos então nosso PIB é discutível.

Quando a próxima crise econômica afetar o Brasil entenderemos que o país poderá demorar para se recuperar por ser muito dependente do mercado externo. Observamos que além de o Brasil não ter uma indústria de automóvel brasileiro, os equipamentos da cabine dos aviões e o computadores que usamos foram planejados e desenvolvidos por indústrias mundo afora. Nosso parque industrial não é exportador de *intelligentia* apesar de contar com mentes brilhantes nas universidades. Consequência desse nosso atraso ainda não temos um Prêmio Nobel de literatura, física, economia ou medicina. A falta desses prêmios pode destoar quando o assunto é economia, mas tê-lo aponta para um país rico e desenvolvido.

Em 2011 e 2012, o Brasil apresentou-se ao mundo como um país promissor economicamente chegando ao sexto lugar. Esse arranque encheu os brasileiros de otimismo. Acompanhou-se a migração da classe D para C e da B para a A. O nível de desemprego caiu consideravelmente, aumentou a procura por bens industriais, principalmente automóveis e da linha branca para cozinha. Em 2012, nunca tantos brasileiros viajaram em férias para fora do país.

Em 27 de dezembro de 2012, a empresa Ticketbis divulgou um dado que chama a atenção: “ao longo do ano de 2012: 25% de todos os ingressos transacionados na plataforma neste ano são para eventos no exterior.”

“Desde que a Ticketbis abriu suas portas em nosso país há quase dois anos, as vendas internacionais cresceram exponencialmente. Em 2012 foi vendido o dobro de ingressos para eventos realizados no exterior, em comparação com 2011. Não é coincidência que, conforme atesta o Banco Central, em outubro de 2012 o gasto de brasileiros no exterior superou os US\$2,08 bilhões, cifra recorde desde julho de 2011. E os gastos com eventos fazem parte desse crescimento nos gastos dos turistas brasileiros” (Ticketbis, 2012).

Vemos esse otimismo com cautela. Duvidamos que esse crescimento seja duradouro ou que o Brasil venha a tornar-se um país desenvolvido. A razão do nosso ceticismo é porque do ponto de vista social o Brasil ainda é um dos países mais atrasados do mundo. Na distribuição da renda, entre 187 países, o Brasil está em 84º lugar. “Tomando como medida o coeficiente de Gini¹, que mede a desigualdade na distribuição da renda em 187 países, apenas sete nações apresentam distribuição pior do que a do Brasil, segundo dados da Organização das

$$G = 1 - \sum_{k=0}^{k=n-1} (X_{k+1} - X_k)(Y_{k+1} + Y_k)$$

onde:

- G = coeficiente de Gini
- X = proporção acumulada da variável "população"
- Y = proporção acumulada da variável "renda"

Nações Unidas - ONU: Colômbia, Bolívia, Honduras, África do Sul, Angola, Haiti e Comoros” (Salek, 2011). Além disso temos baixo desempenho educacional que comentamos adiante.

Para surpresa do Governo Federal e das autoridades financeiras – ainda em razão da crise de 2008 na Europa, 2013 começou ameaçador para os brasileiros. Devido ao baixo desempenho econômico de 2012, a balança comercial apresentou um déficit de R\$ 114,2 bilhões. Para cobrir essa diferença, já nos primeiros dias de 2013, o governo brasileiro remanejou “R\$ 19,4 bilhões do Fundo Soberano do Brasil (FSB), da Caixa Econômica Federal e do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) para engordar o caixa do governo. Dessa forma, o setor público poderia cumprir a meta reduzida de R\$ 114,2 bilhões de superávit primário em 2012” (AgênciaBrasil, 2012)

Essas manobras fiscais, de tirar dinheiro poupado para cobrir a balança comercial, sinaliza que o Brasil começou pra valer a ser atingido pela crise econômica. É sabido por qualquer dona de casa que tirar dinheiro de poupança para despesas que não sejam investimentos é sinal de que o orçamento em breve se arruinará.

Apagão elétrico. Outro assunto que deverá nos levar a lona será a falta de chuva para abastecer os reservatórios das usinas hidrelétricas. Para debater o assunto e acautelar-se para as próximas ações na tentativa de evitar o racionamento de energia elétrica, como aconteceu em 2001, a presidente Dilma Rousseff convocou reunião com técnicos do Ministério de Minas e Energia e dirigentes de órgãos do setor no dia 09 de janeiro de 2013. Antes mesmo dessa reunião e para evitar maiores problemas com a falta de energia, a presidente determinou o uso de usinas termelétricas movidas a óleo diesel. Apesar de essa energia ser muito mais cara que a gerada pelas hidrelétricas.

Segundo especialistas o racionamento elétrico deve-se não apenas à falta de chuvas. Soma-se a isso a falta de investimentos em outras fontes de energia, tais como eólica e solar. Esses mesmos especialistas já sugerem que o governo faça campanha para a população começar a economizar energia, seria uma espécie de ‘acionamento branco’.

O Brasil é o maior produtor e exportador mundial de grãos de soja. A “previsão é de 81 milhões de toneladas de soja do Brasil na temporada 2012/13” (ecofinancas, 2013). No entanto, as autoridades financeiras não incluem no PIB os desafios dos motoristas para transportar a soja até aos portos. Estradas sem asfalto, caminhões ficando dias atolados, motoristas à espera de o clima esquentar para evaporar a água da lama e prosseguir viagem, além dos riscos de assaltos. Essa angústia do motorista, a espera de sua família pelo pai que não chega no dia previsto e os prejuízos com seu caminhão precisam entrar no PIB. A satisfação com os investimentos em infraestrutura, ou a insatisfação com a falta deles, precisam entrar nos cálculos do PIB.

PARTE II - CRÔNICAS DE PORTUGAL

Uma rápida apresentação

As crônicas que serão apresentadas nas próximas páginas foram escritas durante a minha estadia em Portugal, que durou quase um ano. Em meio aos meus estudos, passei a observar a vida das pessoas, os seus hábitos, as suas necessidades e principalmente, o impacto que a crise causou em suas vidas. A tarefa não foi tão simples, já que falar sobre questões financeiras sempre requer uma sensibilidade maior, um olhar mais amplo sobre as situações e, além disso, a necessidade de se despir de todo e qualquer preconceito.

Eu estive em Portugal para conhecer e passear, seis meses antes de decidir morar neste país e falarei sobre isso em uma das crônicas. Ir a Europa como turista é completamente diferente de ir para morar. Eu não conseguiria escrever essas histórias enquanto estava passeando, fazendo compras, conhecendo os lugares. A empolgação não daria lugar a esse olhar crítico tão necessário para escrever.

Nestas crônicas, eu tentei tratar de temas que são notícia nos jornais, que são situações muito comuns no cotidiano dos portugueses ou, ainda, que são polêmicos e muito diferentes da nossa realidade no Brasil. Deixo claro que, quando falo na Europa, generalizo grosseiramente, pois a minha realidade refere-se a Portugal. Em alguns textos, trato da Espanha, França ou outros países que conheci, mas sem a intimidade que tenho com o lugar onde vivi por todo esse tempo.

Desejo que esses textos nos façam refletir sobre a nossa condição num mundo onde a economia nunca merece a nossa total confiança, que nos sirvam de alerta sobre as mudanças bruscas que podem acontecer em nossas vidas e nos façam repensar o consumismo e o excesso de gastos no

nosso país. Não estamos livres de uma crise, mas a diferença é que, na Europa, mesmo com todas as dificuldades financeiras, as pessoas continuam tendo a oferta digna de serviços públicos, o que no nosso caso, não merece tecer comentários.

Para terminar, gostaria de lembrar que os textos são escritos de forma simples, sem qualquer caráter acadêmico, mas com muito cuidado e respeito pelas personagens que fazem parte destas histórias, inclusive as anônimas. Boa leitura!

Emanuela Carvalho

Em Portugal, política se discute!

Há muito o que falar sobre a política em Portugal, principalmente, em tempos de crise e de austeridade. As decisões políticas são discutidas todos os dias, no estilo “Congresso brasileiro”, onde se fala demais e se faz um pouco menos. Esta é a impressão que eu tenho e gostaria de estar enganada, mas, voltando a Portugal, os canais de TV mostram, quase que diariamente, a Assembleia da República lotada de deputados (em média 230), tentando chegar a um caminho que tire o país da crise. Em vão. As últimas decisões políticas só desagradam o povo, que responsabiliza o governo por todos os recentes “desastres”, como o aumento considerável da taxa de desempregados.

Só para entender melhor como as coisas funcionam por aqui, o tipo de governo em Portugal é a Democracia Parlamentar Republicana e ele é formado pelo Presidente da República – Aníbal António Cavaco Silva, ou simplesmente, Cavaco Silva, pelo Primeiro Ministro – Pedro Manuel Mamede Passos Coelho, conhecido como Passos Coelho – e pela assembleia da república, como citei acima. Além disso, há os tribunais que cuidam dos assuntos de justiça. O Primeiro Ministro é sempre o líder do partido que recebeu mais votos e é convidado oficialmente pelo Presidente da República para assumir o cargo.

Aqui há dois grandes partidos que dominam as discussões na assembleia da república: o PSD (Partido Social Democrata), que é o partido do Presidente e do Primeiro Ministro, e o PS (Partido Socialista); os demais partidos têm menor expressão.

Estas informações são importantes para entender a confusão que se forma quando medidas políticas ou econômicas são tomadas neste país, especialmente em meio à crise. São aumentos de impostos, diminuição de emprego, cortes salariais, redução de custos na saúde e na educação e muito mais. As discussões duram dias, semanas, até que se chegue a um acordo, ou não.

Tentarei detalhar alguns dos últimos temas mais polêmicos, agora que as personagens já foram apresentadas. Até breve!

A Crise

Crise! Crise!Crise!

Não há outro assunto. É sobre o que mais ouvimos falar na TV, é o tema nas mesas dos cafés e bares, é a conversa entre os amigos que caminham pelas ruas. Ah, crise!

Para mim, é difícil dizer como, quando e onde, mas sei que as coisas pioraram, economicamente falando, depois da decisão de tornar Portugal um membro da União Europeia (UE) e utilizador da moeda única, o EURO. Digo isso porque, para entrar na famosa Zona do Euro, é preciso que o país atenda a critérios estabelecidos, mas há países membros da UE que decidiram continuar com a sua própria moeda, como o Reino Unido; no entanto, esses países parecem estar sobrevivendo melhor a esse momento de crise.

Em Portugal, a moeda anterior ao Euro era o Escudo e, para se ter uma ideia, um euro representaria 200 escudos! A diferença é considerável e o processo de valorização da moeda custou muito caro, principalmente aos países mais pobres como Portugal, Espanha, Grécia (esses são os que mais sofrem, mas a Itália não está livre, além de outros).

Tentando explicar de uma forma simples, a União Europeia é formada por países bem desenvolvidos e por outros nem tanto assim. Talvez a razão do problema seja justamente essa, os países com mais dificuldade não conseguem acompanhar a economia de países como a Alemanha e a França, que parecem ir bem, mas têm medo de serem puxados para a areia movediça da crise.

Difícil mesmo é ver as pessoas falando e remoendo esse assunto. Aqui os protestos começaram e tiveram algum resultado. São protestos pacíficos, diferente dos que acontecem em Madri e em Atenas. Lá, as polícias estão envolvidas para garantir a “segurança”, já que há brigas entre policiais e manifestantes. É muito sério.

Aqui, o Primeiro Ministro, Passos Coelho, anunciou que o desconto no seguro social subiria, independente do salário do contribuinte. Lógico que isso trouxe um enorme desespero e levou as pessoas às ruas que, em meio aos protestos em todo canto do país, conseguiram convencer o governo a recuar na decisão. Doce ilusão, outra medida já está sendo tomada para compensar o fim da proposta inicial.

Há metas a serem cumpridas, que serão atingidas através do cumprimento das medidas de austeridade, estabelecidas pela Troika (comitê formado por três elementos: A Comissão Europeia, O Banco Central Europeu (BCE) e o Fundo Monetário Internacional (FMI)ⁱ, que é responsável por avaliar as condições financeiras do país em crise e se ele “merece” receber ajuda através de empréstimos. Ou seja, se Portugal andar na linha com a Troika, fazendo tudo que ela indica, o socorro financeiro virá. É a única certeza que eles têm.

Desta forma, a Troika orientou que as privatizações em Portugal comessem. Mais um motivo para os protestos. Acontece que, nesse caso, o governo finge não ouvir e dá seguimento ao processo de privatização da TAP (companhia aérea), da CTT (empresa de correios) e de outras estatais. O Brasil já passou por isso e, coincidentemente, os protestos também não adiantaram.

A crise é um assunto que não se esgota. As causas, os motivos e as consequências são inúmeras. É questão de paciência para entender como se sentem, nesse momento, os portugueses e o povo europeu, sempre tão acostumados ao conforto e à vida cercada de bons serviços. O choque é grande, é o que eu consigo ver de perto. E as mudanças não param por agora. Muito ainda há de vir...

Sábado

Hoje não é um sábado qualquer. É um sábado em que eu fui para aula sem ter conseguido dormir absolutamente nada. Insônia? Não. Durmo sempre muito bem, por sinal. O meu problema é a quantidade de festas em Coimbra e todas elas bem abaixo do sobrado onde eu vivo.

Explicando melhor: sai de Salvador, na Bahia, para cursar um mestrado na Universidade de Coimbra. Escolhi para morar um sobrado numa parte do centro da cidade, próxima de tudo. Aqui há bancos, fácil acesso aos meios de transporte, farmácias, comércio intenso e, principalmente, é perto da minha faculdade, o que me dá a oportunidade de economizar um pouco mais e ir andando. Tudo bem articulado até aqui, certo? A tragédia, assim dizendo, começa quando o meu sono chega. Os estudantes fazem festa quase diariamente e todas ao som de música muito alta, gritos e, o pior de tudo, sem hora para acabar.

Todo esse desabafo tem um sentido político-econômico. Eu, estudante brasileira, que não recebo bolsa do meu país porque o mestrado no exterior não é financiado, economizo com o que posso a fim de não ver o dinheiro voando da minha mão como um pássaro assustado, pergunto-me: estamos ou não em crise? Digo isto porque a maior parte dos estudantes que frequentam as festas não é formada por brasileiros e sim por portugueses. E eles que estão vivendo um dos piores períodos econômicos da história do país.

Não quero dizer com isso que o povo deveria estar em casa a se lamentar, sem comprar sequer um copo d'água, mas pensem comigo e me ajudem a calcular: se uma cerveja custa um euro (1€) e uma pessoa bebe uma quantidade considerável delas em uma noite interminável de festa e essas festas se multiplicam durante a semana, esse gasto deve fazer alguma falta no orçamento, não?

O que eu sei é que por aqui os protestos só aumentam. As classes de trabalhadores se unem e saem às ruas para reclamar os seus direitos e chamar a atenção para uma recessão que só piora, mas não sei até que ponto os jovens que passaram a noite anterior bebendo e gritando como se fosse a véspera do Apocalipse estão interessados nos índices alarmantes de desemprego ou na infelicidade geral que se anuncia na nação.

Sei que posso estar exagerando um pouco, mas é como se esses jovens vivessem numa bolha, isolados acusticamente dos gritos de socorro dos compatriotas ao governo e as eles próprios. É uma chamada do povo ao bom senso e à tentativa de se descobrir uma fórmula mágica que lhes tire do buraco onde eles cada vez mais se afundam.

A crise não está a fim de brincadeira. O governo também não. Só uma parte da população que ainda não acordou para esse fato e para o fato, também, de que só eles podem fazer alguma coisa para ajudar o país. A outra opção é esperar as decisões do governo, que nunca, em tempo nenhum na história, são para beneficiar as classes mais necessitadas.

Imagino que muitos portugueses não tiveram uma boa noite de sono, mas não pelos mesmos motivos que eu. Imagino também como deve ser difícil ver a economia do seu país, que nunca foi lá grande coisa, ruir ainda mais. A sociedade precisa urgentemente se organizar e isso eles já estão começando a fazer, porque sozinho é muito difícil. Falta apenas que os portugueses escolham em que país estão a viver (num português bem português): naquele que sente amargamente a crise e que precisa da força do seu povo para se reerguer, ou naquele que vive de aparência, fechando os olhos para os problemas e esperando que um dia, a qualquer momento, não importa qual, alguém venha estourar essa bolha de ilusão.

PIGS?

Porcos? Também! O termo PIIGGS é utilizado por aqui de uma forma bem irônica. Começou como PIGS, composto pelas letras iniciais de Portugal, Irlanda, Grécia e Espanha (Portugal, Ireland, Greece, Spain) e foi criado pela imprensa britânica para “definir” os países que não estão nada bem economicamente. É a crise!

Como ela – a crise – fez mais vítimas, a sigla foi crescendo, ganhando letras de forma que não perdesse o sentido, já que a figura dos porquinhos é utilizada quando se refere ao grupo. Então a Itália entrou na roda e eles passaram a se denominar PIIGS. Não satisfeito e querendo crescer, o grupo ganhou mais um aliado, o Reino Unido, que deu ao grupo mais um G (provavelmente de Grã-Bretanha) e virou, por enquanto, PIIGGS.

Eles não gostam, digo, os países que fazem parte do PIIGGS não gostam. É realmente irônico e humilhante, principalmente porque convivem, no mesmo bloco econômico que é a União Europeia, com países que conseguem administrar um pouco melhor a sua economia. É claro também que a crise na Grécia, que deu início a crise na zona do euro e que afetou principalmente os países que fazem parte do PIIGGS, estendeu o caos na economia por toda a União Europeia. Ninguém consegue ficar de fora e ileso.

Mesmo a Alemanha, de acordo com as notícias, prevê uma diminuição do seu crescimento para o próximo ano e sofre com as consequências da crise. A hora de apertar os cintos é para todos. Em Portugal, o discurso é de austeridade. Cortes de gastos, benefícios, feriados... é o que eu chamo de sobreviver, em vez de viver. Definitivamente, não é fácil.

O que eu sei é que o PIIGGS, motivo de piada pela imprensa e em conversa pelas ruas, serve como sinal de alerta. É quase surreal chegar à Europa e se deparar com esses países convivendo com o risco de pobreza extrema, que conhecemos tão bem e conseguimos driblar, mas eles não.

Portugal nunca foi rico, mas até os pobres aqui têm melhores condições que os nossos, claro! O sistema de transporte é excelente. Os médicos de família estão disponíveis gratuitamente em postos de saúde organizados e limpos. A educação escolar é acessível, os alimentos são baratos. De certa forma, é uma pobreza que nós ouvimos falar, mas ainda não sentimos diretamente. Acho que maior é o medo do que poderá acontecer no futuro.

Novamente, ironicamente falando, poderia aqui lembrar os tempos em que Portugal retirou a maior parte da nossa madeira de lei e extraiu tanto do nosso ouro, até que desistiu, achando que ele tinha acabado. É um bom histórico para imaginar que Portugal deveria ser um país rico. Foi pioneiro nas navegações. A Espanha também foi, inclusive sendo um dos países mais inovadores nesse sentido. É difícil imaginar a Grécia pobre, tão rica em belezas, o berço da civilização ocidental, pedindo dinheiro emprestado e permitindo que outros países mandem e desmandem na sua economia.

Enquanto isso, o Brasil faz parte do BRICS, um grupo político (que envolve além dele, a Rússia, a Índia, a China e, por último, a África do Sul – South Africa) composto justamente por países de economia emergente e pode tão bem ser apelidado de “Os cinco grandes”; e os países europeus que abusaram das suas riquezas, ao longo dos anos, hoje são, de certa forma, ridicularizados com essa sigla.

Ver a crise de perto é muito pior do que vê-la pela TV e, pior ainda, é poder ter as duas coisas, como no meu caso. É a crise!

Em tempos de crise, vamos às compras!

Ontem decidi ir ao shopping. Passeio normal de domingo em uma cidade que não tem praia e, mesmo que tivesse, o outono não nos permitiria essa escolha, já que ele começou bem frio por aqui. Chegando lá, eu e uma amiga entramos na primeira loja que, por sinal, existe no Brasil e é um tipo de supermercado de roupas. Uma loucura!

Loucura maior foi ver a quantidade de gente que estava na loja, escolhendo roupas, sapatos, acessórios, todos muito bonitos, mas nada essenciais. Em tempos de crise, devemos economizar, comprar o básico, o necessário, o vital. Roupas não é nada disso. Sim, não podemos andar sem roupa pelas ruas, principalmente no outono europeu! Mas o que eu quero dizer é o mesmo que eu disse à funcionária do caixa enquanto ela arrumava os meus casacos na sacola e eu pagava a minha conta: “A crise não passou por aqui!”. Ela, meio sem graça, sorriu e não disse nada... Pelo menos não verbalmente, mas, nas entrelinhas da reação facial, deixou claro que entendia o meu comentário e deu a impressão de que concordava com ele.

Tenho sido um pouco exigente nos comentários sobre a crise, mas o que eu quero dizer é que parece que as pessoas reclamam da crise, vivem a crise, sonham com a crise, mas se comportam como se pudessem gastar infinitamente. Os provadores lotados, as filas imensas, as sacolas de compras cheias e o corpo carregado de endorfina... Comprar deixa-nos felizes... Por alguns momentos, antes que a culpa por ter gastado demais se apresente.

É realmente impressionante. Às vezes, a sensação que eu tenho é que a tal crise só existe na teoria. É só mais um assunto nos jornais e nas ruas. Isso porque, ao contrário do Brasil, que em momentos suspeitos de crise, o governo baixa impostos e estimula a economia levando o povo a fazer compras, aqui se fala em recessão, se propaga a recessão, mas as pessoas não param de comprar.

Mais um pequeno detalhe: ao andar pelas ruas, é comum nos depararmos com “carrões” a desfilar. E sempre digo o mesmo diante desses carros, que com certeza são muito caros (é como no Brasil, carro não serve só para se locomover, mas para se exhibir! Quanto maior o carro, maior o... saldo na conta bancária, é o que querem nos mostrar). Ah, o que eu sempre digo, ia esquecendo: “A crise não passou por aqui.”

A contaminação da crise

Há dois meses em Portugal, já me sinto íntima da crise. Conheço as causas, as consequências mais atuais, talvez as futuras. Voltarei para o Brasil especialista no assunto. É que, de tanto ouvir falar na crise, ela acabou me contagiando, como um vírus. A exposição foi excessiva e, pelo visto, não tive como fugir. Penso na crise como pensam os portugueses, ou quase isso.

Saí do Brasil e cheguei a Portugal com a ideia clara do que eu iria fazer, do quanto eu poderia gastar e de como poderia viver aqui. Como brasileira otimista, não imaginei que essa onda de crise me afetaria, até porque, eu sabia que não passaria por dificuldades aqui. Enganei-me.

A crise faz vítimas, sejam elas culpadas ou inocentes, turistas ou estudantes, brasileiras ou portuguesas. Ver as pessoas irem ao mercado e fazerem contas ao comprar os produtos, inicialmente, me chocou um pouco. No Brasil, eu não fazia isso. Ia ao mercado, comprava o que queria e pagava com o cartão de crédito, um velho hábito de muitos brasileiros, que compram primeiro para pagar depois.

Os meus primeiros dois meses foram de fartura. Compras com o tal cartão, despreocupação com o valor que viria no fim do mês, já que estava “tudo em ordem”, afinal, sou brasileira e, se o meu país não está em crise, ela não vai me atingir. Enganei-me novamente.

Comecei a perceber que a nossa cultura – brasileira – é a de gastar demais. E isso é sério. Compramos muito, nos endividamos de forma natural e sem grandes preocupações. Comprar em dez vezes sem juros no cartão de crédito já faz parte da rotina. E é só quando nos deparamos com a crueldade da crise que percebemos que algo não vai bem.

Hoje eu me sinto um pouco como os portugueses, fazendo as contas no mercado para não gastar mais do que o planejado. E por um lado, vejo que isso é bom. Aprendemos a valorizar mais e a desperdiçar menos. Entendemos que o discurso do ecologicamente correto vai além do cuidado com o meio ambiente. Precisamos cuidar do nosso pequeno planeta, a nossa casa, para sabermos como cuidar do resto.

O que mais me preocupa nessa história toda é que Portugal já viveu a sua fase de gastar demais, sem pensar nas consequências, e hoje eu vejo exatamente a mesma coisa acontecendo no Brasil. Grandes construções, bolha imobiliária, estímulo exagerado ao consumismo e ao aumento dos endividamentos. Penso, já nem tão otimista assim: e se a crise chegar até nós? O que faremos? Como ficaremos? Por enquanto, em clima de competições internacionais no país (Copa do Mundo e Olimpíadas), nada nos atinge, mas depois que a “onda” passar, eu não sei o que pode nos acontecer.

É o que eu digo, a crise me contagiou.

A Crise e o Cigarro

Ah, o cigarro! Eu estou completa e absolutamente sugestionada para escrever sobre este assunto. Eu não gosto de cigarros. Aliás, não só não gosto, não suporto, odeio. Pronto! Está dito: Eu odeio cigarro! Mas por si só, a minha opinião não é interessante para ninguém.

O fato é que em Portugal as pessoas fumam demais. Deve haver estudos sobre isso, mas não os consultei. A minha certeza vem do que eu vejo. Aqui se fuma demais. Homens e, principalmente, mulheres fumam em qualquer lugar.

Sim, já existem lugares em que é proibido fumar, mas isso não diminui o nosso convívio com os fumantes. Na faculdade, os alunos, entre eles os mais jovens, fumam de uma forma assustadora, porque antes, se achava que fumar era um ato de rebeldia, mas hoje, isso não seria mais necessário – ou seria?

Aqui não há imagens nas embalagens dos cigarros, com pessoas morrendo em consequência da nicotina e dos outros males, mas há uma frase enorme: FUMAR MATA! De que adianta? Creio que nada.

Mas a minha questão é em relação, é claro, à crise e ao custo do cigarro. Então, vamos falar sobre valores. O cigarro mais barato custa 3,50 euros. Mas esse quase ninguém fuma. Geralmente as pessoas fumam um que custa 3,70 euros. Mas não ache que esse é o mais caro. Há cigarros de 4,20 euros e de outros preços.

Pensando em alguém que fuma uma carteira de cigarro por dia, ao valor de 3,70, esse alguém gasta por semana – é só fazer as contas – 25,90 euros e por mês, 103,60 euros, o que equivale a (na cotação de hoje) 279,72 reais.

E aí, eu penso de novo na crise. Aqui as pessoas economizam em tudo, deixam de viajar, de sair pra jantar com os amigos, tudo por causa da crise. Mas não deixam de fumar!

Levando em conta que um quilo de açúcar custa 1,19 euros e um quilo de arroz 0,79 euros, com o dinheiro do cigarro de uma semana eu compraria mais de 35 quilos de arroz, o que me alimentaria por mais de um ano, com certeza! Mas eu não vivo só de arroz, poderia também comprar mais de 20 quilos de açúcar!

A comparação parece ser esdrúxula, mas foi a forma que eu encontrei de expor a minha indignação: porque quem fuma não se prejudica sozinho. Não incomoda somente a si mesmo. Incomoda quem está por perto, quem lhe abraça, quem conversa, quem lhe beija. Transforma-nos, a contragosto, em fumantes passivos, sujeitos aos mesmos problemas de saúde que eles insistem em vir a ter.

E a crise? Fica onde? E a necessidade de economizar o tempo inteiro? Será que ela deixa as pessoas mais ansiosas e por isso elas fumam mais? E o governo, o que faz para tentar diminuir o consumo do tabaco em Portugal? Quais campanhas existem na TV, nos jornais, nas ruas, universidades, para conscientizar as pessoas que o cigarro faz um mal tão terrível?

Eu espero não ter sido exagerada. Mas é nisso que eu penso quando olho para todos os lados e vejo fumantes.

O Velho Mundo

A Europa é um continente velho. Portugal é um país velho. Mas que sentido traz essa palavra que soa pesada, que lembra o descartável, mais do que o experiente, que lembra também o que talvez já não sirva, não tenha utilidade? O sentido é que Portugal, assim como outros países da Europa, não só é um país velho, antigo, rico em histórias. Ele é um país de velhos, está repleto de idosos.

A pirâmide social da Europa está invertida. E não é preciso investigações para perceber que o que eu digo é verdade. Basta olhar nas ruas. São muitos, muitos idosos. Isto me preocupa profundamente, já que olho pra eles e penso: quem cuida deles? Quem os alimenta? Quem os auxilia?

Aqui em Portugal há vários setores, inclusive do governo, preocupados com os idosos. Há abrigos, há também os que eles chamam de Centros de Dia, onde o idoso pode fazer atividades durante o dia e voltar para casa à noite. E então, eu me pergunto novamente: voltar para quem?

Grande parte dos idosos vive só. Quando ainda são casados, têm o companheiro, mas quando são viúvos ou solteiros, vivem só. É raro ver um idoso morando com os filhos, muito raro. E isto acontece por razões que não sei explicar. Os filhos saem de casa, o que é normal na vida adulta, mas em nenhum momento existe a perspectiva de voltar a morar com os pais. É muito difícil de acontecer. Desta forma, eles – os idosos – vão se habituando a viver sozinhos.

Aqui eles, talvez por causa desta “solidão”, precisam se adaptar. Vão aos bancos, aos mercados, andam de autocarro (ônibus) – pagando a passagem e sem lugar reservado – e tentam viver, mesmo com as limitações físicas da idade.

No Brasil é diferente. Primeiro porque acima dos 65 anos não se paga transporte público. Aqui eles têm direito a um cartão, que gera um desconto, mas não é exclusividade dos idosos. Os estudantes também têm este cartão. Aqui, o atendimento prioritário é para gestantes. Atendem alguns idosos que solicitem, mas a maior parte deles recebe o atendimento comum, esperando nas filas.

Isso me chocou um pouco. A primeira vez que precisei de um atendimento, as senhas distribuídas eram muitas, e os idosos estavam entre as pessoas que seriam atendidas. Então, eu perguntei a uma senhora: “É a senha preferencial, vocês não têm?” Ela me olhou com certo estranhamento, como se não entendesse o motivo pelo qual ela deveria ter uma senha especial e eu disse: No Brasil, os idosos têm prioridade no atendimento (mesmo sabendo que na prática, as coisas são funcionam bem assim).

Enfim, se houvesse prioridade para os idosos, por outro lado, eles também demorariam nas filas, já que são em maioria. Penso como será a Europa daqui a 20 anos... 30 anos... 50 anos... Quem sustentará estes idosos e os próximos? Não há jovens suficientes para o mercado de trabalho (ou até mesmo não há mercado de trabalho para os jovens), de forma a suportar os gastos com o sustento de quem, uma hora, precisará deixar de trabalhar. E são eles que mais toleram. Com a crise, os aposentados sofreram cortes nos ganhos. Os remédios subiram de preço, os serviços também. Em muitos casos, com o desemprego dos filhos, alguns precisaram voltar a sustentá-los, ou ajudá-los com os custos de vida. Enquanto os pais não se veem morando com os filhos, ou vice-versa, a CRISE também fez isso com as famílias.

É muito preocupante, ainda mais sabendo que os idosos vivem bastante, a expectativa de vida só aumenta. O que será feito para que eles continuem tendo os seus direitos respeitados? Chegará o dia em que não haverá condições de pagar a aposentadoria para todos? Quem olhará por eles? E, no futuro, quem olhará por nós?

O impacto sobre este tema foi tão forte que, para um trabalho de uma disciplina do mestrado, criei com um grupo o Projeto de Apoio ao Idoso (PAI), que visaria oferecer serviços de auxílio às compras, idas aos médicos, atividade física, apoio psicológico, telefone de urgência

funcionando 24 horas, entre outras atividades. É, quem sabe, uma maneira de me sentir mais tranquila em relação ao futuro desses “velhinhos e velhinhas”.

Que este futuro seja longo e, principalmente, que seja feliz...

Espanha y la crisis

Estive na Espanha para passar o Natal. Fui conhecer Madri e Barcelona e tive impressões incríveis sobre as duas cidades. A primeira coisa é que, como já disse em algumas crônicas atrás, quem vem a passeio não percebe a crise da mesma forma de quem vive aqui. Falo isso porque vim a Portugal como turista antes de decidir me mudar para fazer o mestrado e fiquei um mês, admirada, pois só ouvia falar da crise nos jornais.

Agora aconteceu o mesmo. Vivo em Portugal, sinto na pele as consequências dessa crise infeliz e ingrata, mas ao chegar à Espanha, tudo mudou. Começando por Madri, que é uma cidade incrível. Movimentada, pessoas alegres, conversando e caminhando pelas ruas. Diga-se, de passagem, que eu fui no inverno, imagino então como fica esta cidade em uma noite de verão (quando o sol se põe depois das 21h).

O meu maior choque foi passar pelo centro de Madri no dia 23 de dezembro. Não sei se é possível descrever a multidão que estava nas ruas, em pleno domingo. Comércio aberto, pessoas comprando, e a sensação de que só havia mesmo o meu espaço para ocupar em meio àquela balbúrdia. Foi maravilhoso! Lindo de ver! Um verdadeiro mar de gente. Acho que nunca vi tantas pessoas reunidas em um centro de cidade. A não ser no carnaval de Salvador.

De Madri eu fui a Barcelona e então eu vi o que é mesmo uma cidade alegre. Aliás, a palavra alegria se torna repetitiva neste texto, justamente para dar ênfase ao que mais me encantou na Espanha. Barcelona estava lotada de turistas. Tão lotada, que, pela primeira vez como viajante, eu peguei um “congestionamento” de pessoas nos ônibus de turismo. Sabe aqueles ônibus abertos, no qual passeamos pela cidade? Estes ônibus desfilam por Barcelona em uma quantidade imensa, mas mesmo assim, não comportam o número de turistas e mais de uma vez eu tive que ouvir: “Não há vaga. Espere o próximo”.

Os turistas em Barcelona se sentem assim, felizes. É uma sensação incrível. Além de ser uma obra de arte gigante em forma de cidade, Barcelona é colorida, é viva, pulsa e respira. Salve, Gaudi! Definitivamente, não me lembrei de crise alguma.

Bom, a diferença em relação a Portugal talvez seja esta. Não posso generalizar, mas é como se aqui, a tristeza fosse mais evidente. A partir disto, quem quiser que tire as próprias conclusões.

Feliz 2013! A Portugal, à Espanha e ao Brasil.

Os Ricos Franceses e a Crise

O novo assunto na Europa é a decisão de François Hollande, atual presidente da França, de aumentar em 75% o imposto aos cidadãos franceses mais ricos. O que, na minha opinião, já devia ser óbvio. Quem tem mais, paga mais. Certo? Errado. Quem tem mais não aceita pagar mais. E isso não é novidade no Brasil, só nos espanta porque os países europeus nos passam uma imagem de leve perfeição. O que, no cotidiano, é bem diferente.

Digo isso porque, para muito brasileiros, vir a Europa é um sonho. Para mim foi. Só que, repito, vir a Europa passear é completamente diferente de vir a Europa viver, morar. Aos turistas, toda “sujeira” é varrida para debaixo do tapete. Não vemos nada, não percebemos nada e, sequer, desconfiamos da dura realidade. Apenas deixamos aqui o nosso dinheiro e voltamos deslumbrados para casa. A Europa é realmente incrível!

Acontece que quando assistimos diariamente aos jornais, vamos decodificando, descobrindo pequenos detalhes que nos lembram, e muito, o nosso velho e amado Brasil. A corrupção, o abuso de poder, a exploração do trabalhador, os altos valores de impostos. Eu estou errada em dizer que isso tudo nos lembra o nosso país?

Voltando ao Hollande. Ele está mesmo disposto a enfrentar o que vier pela frente. Em seu discurso de Ano Novo, que repercutiu por toda a Europa, ele afirmou categoricamente que em seu governo, os ricos pagarão mais impostos. E a agitação já começou. O alvoroço dos ricos! Começam a ficar desesperados, já que a informação que circula é justamente a de um aumento de 75% nos impostos. O ator francês Gerard Depardieu, um ícone, mudou-se para Néchin, na Bélgica. Em outras palavras mais claras e objetivas: fugiu.

De tão famoso e importante na França que é esse ator, o fato virou polêmica e capa de todos os jornais. Até o governo da Rússia quis fazer parte dessa pequena confusão e Vladimir Putin, presidente do gélido país, concedeu asilo político ao ator, que é celebridade também em Moscou, ou Moscovo (como se diz aqui em Portugal).

Na Rússia, o pobre ator, que de tão pobre, não precisaria fugir de pagar os impostos, pagaria uma bagatela de 13% dos impostos, o que é cobrado neste país aos pobres ou aos ricos. E você, quer ir morar na Rússia também?

Na Bélgica, onde Depardieu tem uma casa e pra onde ele se mudou quando iniciou o seu protesto contra o governo francês, os milionários pagam um imposto de 50%.

A ideia do governo francês – antes que alguém comece a sentir pena dos franceses ricos – é de taxar em 75% quem ganha mais de um milhão de euros por ano. Ora, são mesmo ricos!

O primeiro-ministro na França já se pronunciou sobre a decisão de Depardieu. Carinhosamente, referiu-se ao ator como “patético” pela atitude de deixar o seu país. Por outro lado, o ator, muito ofendido, diz que independente da decisão do governo, ele não volta mais a França.

Desejo a ele um bom inverno russo. Coisa simples, numa agradável temperatura de -30°. Alguém se anima?

Para eles, o caos

É certo que nós, seres humanos, nunca estamos satisfeitos. Ou melhor dizendo, somos eternos **IN**satisfeitos. E é verdade. Nada é completamente bom. Sempre há algum defeito, por menor que seja.

Há um exemplo disso aqui em Coimbra. Moro nesta cidade desde o ano passado (2012) e, quando cheguei, fiquei logo encantada com os meios de transportes públicos. Mesmo sabendo que em Coimbra não tem metrô (que aqui eles chamam de “métro”, mas escrevem sem o acento), há ônibus, que eles chamam de autocarro, e comboio, que é o nosso trem.

Traduções à parte, os ônibus aqui são especialmente pontuais. Num dia desses, como prova do que eu digo, estava na paragem (e não no ponto, porque aqui quem para no ponto é “mulher da vida”) esperando o número 7. Eles localizam os ônibus pelos números. Em Salvador, de onde eu venho, localizamos os ônibus pelos nomes – mas isso não faz diferença, é só curiosidade. Voltando ao assunto, eu esperava o número 7, que passaria, digamos, às 10 da manhã (eu, sinceramente não me lembro mais o horário exato). De tão pontual, enfim, aproximou-se um ônibus às 10 horas, mas ele não tinha nome nem número, e no letreiro, ao invés disso, havia “fora de serviço”.

Este ônibus parou e todos que esperavam pelo número 7 se aproximaram do motorista. Eu fiquei sem entender e perguntei: “– Este é o 7?” E o motorista respondeu: “– É, mas estamos com problema e outro autocarro está vindo”.

Não demorou meio minuto e o outro se aproximou e levou aquele povo todo que o esperava e eu também. Mas o que me espantou foi a certeza das pessoas de que aquele ônibus sem nome e sem número era o tal 7, justamente porque eram 10 da manhã. É uma pontualidade quase britânica!

E isso, de onde eu venho, é espantoso! Eu que passei 2/3 da minha vida andando de ônibus em Salvador, sofri bastante. Eram atrasos, ônibus lotados, falta de conforto e um alto preço. O transporte público em Salvador é um dos mais caros do Brasil.

Aqui em Coimbra, a passagem de ônibus custa €1,60, o que, pelo câmbio de hoje, seria R\$4,32. Um absurdo! Só que, há a possibilidade – e é o que quase todo mundo faz, inclusive eu – de comprar antecipadamente e esse valor passa para €0,58 (cinquenta e oito centimos), ou seja, R\$1,57. É o famoso bom e barato.

Ah! Mas quando eu digo que é bom, penso num transporte que seja pontual, como eu disse antes, que os ônibus sejam novos e não andem muito cheios. E aqui é assim. É confortável andar de ônibus. Eu não sinto falta do meu carro. E, por aqui, também não preciso andar de trem.

Coimbra é uma cidade pequena, eu entendo, mas já andei muitas vezes de ônibus, trem e metrô em Lisboa e Porto, que são muito maiores e o sistema de transporte também funciona.

Eu só não posso me esquecer de concluir o que eu comecei. As pessoas aqui não estão satisfeitas com o transporte público. É disto que eu estou falando. Se fossem passar um mês em Salvador, à espera de ônibus lotados, que não cumprem horários e que são caros, saberiam que têm um transporte de qualidade.

Mas por outro lado, os portugueses não estão errados. Reclamam do que é bom pra nós, porque acham que merecem ainda mais. Nós é que somos acomodados e nos acostumamos ao mínimo que nos oferecem, como se fosse um favor.

É verdade. E assim caminha a nossa eterna indignação.

Crise e estradas vazias

Neste início de ano, época de balanço do ano que passou, chegou-se à conclusão que o movimento nas estradas portuguesas diminuiu. E não foi só isso. O número de acidentes e mortes, em consequência também da diminuição do movimento, sofreu redução. Esse foi o lado positivo.

Viajar pelas estradas de Portugal é uma boa escolha. Elas são bem sinalizadas, conservadas e principalmente, “pedagiadas”. Por isso, em época de crise, há quem abra mão do bom serviço oferecido, com a intenção de economizar.

Acredita-se que as pessoas estão mudando os hábitos em relação ao uso das estradas. Muitas trocaram as viagens de carro particular pelo transporte rodoviário, que corta o país e tem muita qualidade também. Outras estão se organizando em grupos e revezando, em forma de carona (que aqui se chama boleia – leia-se, boléia). Além disso, há as pessoas que repensam as viagens e deixam inclusive de fazê-las, quando é possível, para não gastar.

Numa simulação, a viagem mais curta entre Lisboa e Coimbra, já que há mais de uma opção, tem a distância de 175 km e custa, para um carro “comum” que aqui é considerado classe 1, €13,60² (R\$ 36,72, na cotação de hoje). Lembrando que essa portagem é na viagem de ida, e que além de pagar a volta, ainda há o gasto com o combustível, que aqui em Portugal só faz aumentar.

Numa segunda simulação, desta vez de Lisboa ao Porto, as duas principais cidades de Portugal, o valor da portagem é de €31,80 (R\$85,86). A partir destes valores, é possível entender o porquê da diminuição do movimento nas autoestradas.

² Fonte: <http://www.brisa.pt/PresentationLayer/textos00.aspx?menuid=11>

Os jornais portugueses publicaram que algumas pessoas descobriram uma forma de burlar o caro valor das portagens. De Lisboa ao Porto há um “truque”, como eles chamam, que dá ao motorista a oportunidade de burlar algumas das portagens que aparecem no caminho. Calcula-se que a empresa concessionária esteja sendo lesada em milhões de euros. E o truque é mesmo bem pensado, mas não vou repassá-lo! O que as pessoas que pagam corretamente as portagens esperam é que a empresa tome alguma providência, mas nada disso aconteceu.

Vale salientar que há, pelo país, várias estradas nacionais, não privatizadas (como, por exemplo, a IC2, que corta quase que todo o país). Portanto, para uma família com carro gasóleo (o bendito diesel, no Brasil), viajar pelas vias periféricas pode ser uma proposta interessante, no entanto mais longa e demorada.

Lembrando que aqui também há o transporte ferroviário, que tem qualidade, mas é mais caro do que o transporte rodoviário. Eu desisti de fazer algumas viagens de trem, pois, na época em que pesquisei, as tarifas estavam altas; no entanto, sempre vale a pena checar as tarifas para compra antecipada e promoções diversas.

Para uma rápida comparação do valor da portagem com o valor dos transportes rodoviário e ferroviário, vou fazer uma pequena e tosca tabela, com valores em EURO, mas que dará para mostrar a diferença, principalmente diante da necessidade de economizar.

SIMULAÇÃO	PORTAGEM	TRANSPORTE RODOVIÁRIO	TRANSPORTE FERROVIÁRIO
LISBOA/ COIMBRA	13,60	13,30 (inteiro)	22,80
LISBOA/PORTO	31,80	18,10 (inteiro)	30,30

Lembrando que o transporte rodoviário oferece outras tarifas, como a de estudante, e que o transporte ferroviário tem mais de uma opção e esta tarifa é a do trem mais barato, na segunda classe.

O que se espera é que os portugueses possam voltar, na maioria, a aproveitar as boas estradas que o país possui, com conforto e segurança, pensando na crise como algo do passado. Que esse dia chegue logo!

Jovens, é tempo de crise!

Eu fiquei bastante surpresa quando percebi o comportamento dos jovens em relação ao mercado de trabalho aqui em Coimbra. Que fique claro, eu estou falando sobre uma questão cultural e não é o meu objetivo julgar como certo ou errado este comportamento, mas não posso negar o quanto ele me surpreendeu.

Pensemos no Brasil, onde os jovens, logo que iniciam a faculdade, procuram estágios, começam a trabalhar, isto quando já não trabalham para ajudar a pagar o curso ou para ajudar a se manterem, enfim, é muito comum um jovem trabalhar e estudar. Aqui não. Primeiro que há poucos cursos chamados pós-laborais, que são os cursos à noite. Digo poucos, em relação ao total de cursos, que acontecem, em sua maioria, durante o dia.

E enquanto os nossos cursos noturnos são os mais concorridos e, em faculdades particulares, chegam até a custar mais caro, justamente por conta do grande número de estudantes trabalhadores, aqui é comum os pais custearem os estudos dos filhos, até que eles os concluam.

Isto seria um pouco fora do comum, mas não tão estranho, já que no Brasil há famílias que arcam com os custos dos estudos dos jovens, só que, diante da crise na Europa, ao concluírem os estudos, os jovens não encontram emprego facilmente. Então, o que acontece? Eles continuam estudando. E os pais continuam “bancando” esses estudos (aqui o ensino superior público conta com a participação monetária dos estudantes; estes pagam uma anuidade que recebe o nome de “proprina”, ou seja, a nossa mensalidade) . São alunos que vão cursar um mestrado, que, por aqui, depois do Tratado de Bolonha, se tornou muito comum, oferecendo inclusive a opção do mestrado profissionalizante (que existe no Brasil, mas ainda não é muito conhecido), perdendo um pouco o foco da investigação.

E foi justamente isso que me surpreendeu. Ver pessoas, muitas pessoas, cursando um mestrado sem sequer já terem trabalhado. O estímulo à entrada no mercado de trabalho é tardio e isso não existe por causa da crise, é cultural. O que a crise fez ou faz, é tornar esta entrada ainda mais tardia.

E eu me pergunto o que acontecerá se, ao acabarem o mestrado, estes jovens também não conseguirem um emprego. Sinto um pequeno (grande) desespero por eles. Penso em como eu era jovem quando comecei a trabalhar e em como esse início foi importante para me dar experiência (base), ajudar construir o meu currículo e conseguir me aperfeiçoar aos poucos.

Não sei se exagero na minha preocupação, mas deve ser difícil estudar sem perspectiva de conseguir trabalho. Por outro lado, eu sinto – e peço desculpas se estiver errada – um pouco de acomodação por parte de alguns jovens. É como se a crise também tivesse virado um pretexto. São os dois lados da moeda. Há os que nem procuram por emprego, porque dizem que ele não existe, por conta da crise, e há os que sonham em trabalhar, mas só sonham, sabendo que, na realidade, isto vai demorar para acontecer.

Na crise, encare os trabalhos domésticos

Continuo estabelecendo comparações entre Portugal e o Brasil. Para nós, é comum contar com o serviço de empregada doméstica, secretária do lar, como queiram chamar. Lógico que, com o aumento no rigor das leis trabalhistas para esta categoria, na tentativa de evitar a exploração da mão de obra, muitas famílias tiveram que abrir mão de ter esta funcionária todos os dias e passaram a contratar diaristas.

Aqui também há diaristas e empregadas domésticas. A diferença é que só quem é rico, digo muito rico, tem empregada em casa todos os dias. Portugal e tantos outros países da Europa não têm a vasta oferta destes profissionais, como há no Brasil, e talvez por isso, pela relação entre a oferta e a procura, este seja um serviço tão caro. Outra diferença é que, além de caro, é um serviço valorizado. A opção então é contratar uma diarista, mas... e a crise?! Em meio a tantas atitudes em nome da economia, é hora de encarar os trabalhos domésticos e abrir mão da faxineira, arrumadeira, passadeira, seja ela quem for!

Se no Brasil, a profissional tem o nome de diarista porque passa “um dia” em sua casa, arrumando, limpando, cuidando de tudo, aqui em Portugal a diária tem apenas quatro horas, ou seja, em um dia, esta profissional pode trabalhar em duas casas diferentes. Geralmente elas dividem os seus horários em dois turnos, manhã e/ou tarde. E mais, na hora da faxina, esqueça a mania do brasileiro de lavar, jogar água e ensaboar a casa. Aqui se usa uma vassoura (que já existe no Brasil) de pano, úmida, para limpar o chão. É tudo prático e rápido.

Tudo seria ótimo se não fosse a necessidade de economizar, já que, por essas quatro horas, uma diarista cobra em média 40 euros, ou seja, quase 120 reais. Levando em conta que esta profissional possa fazer duas faxinas por dia, de segunda a sexta, ela terá um ganho por semana de 400 euros, ou quase 1200 reais. A questão é que, para cortar os gastos, as pessoas estão mesmo se adaptando a fazer a faxina da casa.

A título de ilustração, ainda não conheci ninguém que tenha empregada doméstica em casa. A maior parte das pessoas sequer tem uma diarista, já que, em tempos de crise, fugir dos trabalhos domésticos é um luxo para poucos.

Inverno, crise, frio

Coimbra é uma cidade fria. Tão fria, que o inverno começou no outono, antes do tempo. Vale lembrar que Portugal não é o país europeu que apresenta as temperaturas mais baixas no inverno, mas parece que, aqui em Coimbra, sentimos o frio de maneira mais intensa. Em Lisboa, as temperaturas são mais agradáveis, por volta dos 19° graus, talvez pela proximidade com mar (uma curiosidade é que Lisboa não é banhada pelo oceano Atlântico, como eu imaginava. Lisboa é banhada apenas pelo rio Tejo, de onde saíram as caravelas em direção às novas terras, inclusive o nosso lindo e trigueiro Brasil). Já em Coimbra, que é mais ao norte e não fica na costa do país, as temperaturas são mais baixas e a sensação térmica também varia entre 9° e 13° graus, durante o dia, e chega a 1° ou 2° graus, durante a noite ou no início do dia. É como se o frio fosse sentido pelos ossos, pela alma!

Tudo isso seria simples de se resolver se, em Portugal, a maioria das casas fosse preparada para receber o inverno, mas não. Poucas são as moradias que possuem aquecimento central e isso faz toda a diferença em meio ao inverno rigoroso. O que as pessoas usam para se proteger do frio são aquecedores, que têm o poder de aquecer apenas um cômodo. Não podemos esquecer as bucólicas lareiras, que ainda são usadas.

E a crise torna o frio ainda pior. Um exemplo disso é que eu tenho um aquecedor pequeno, tipo um ventilador, que produz ar quente. É pequeno, mas é potente (partindo do pressuposto que tamanho não é documento!), só tem um problema: ele consome muita energia. As minhas colegas de casa, com as quais eu divido as despesas prontamente, me emprestaram outro aquecedor, para que o preço da conta de luz não nos pague um susto. O outro modelo é o que mais se usa em Coimbra. É um aquecedor a óleo, que parece bom... não sei dizer com o que ele parece. Ele é retangular, tem rodinhas e placas presas umas às outras e são justamente essas placas que aquecem e que podem nos queimar, ao contato com a pele. Ele é mais econômico, mas ao mesmo tempo, aquece menos. Por culpa da crise, eu sinto mais frio!

Mas há ainda a menor parte das casas, as que têm aquecimento central. Geralmente são os apartamentos dos novos prédios, lindos, modernos e frios! As pessoas evitam ligar o aquecedor central, porque ele consome muita energia (se o ventilador pequeno já é motivo de preocupação, é fácil imaginar o estrago no orçamento que um aquecedor central pode causar). O detalhe é que, para economizar, as pessoas vão convivendo com o frio como podem. Aquecem um cômodo, mas, quando precisam sair do quarto para ir à cozinha beber água, têm a sensação de fazer uma rápida visita ao Pólo Norte, com viagem de volta.

Para amenizar, vale usar a bolsa de água quente nos pés, dois cobertores mais um edredom, pijama polar, meias, e todos os acessórios que deveriam nos dar a falsa sensação de que o inverno está lá fora, apenas lá fora.

Yes, bebemos água da torneira!

"Argh! Que nojo!"

Foi o que eu pensei ao descobrir que em Coimbra e em muitos lugares de Portugal é comum beber a água da torneira. Há água engarrafada, conhecida como água mineral, mas os próprios médicos indicam que as pessoas bebam a água da torneira, porque a origem e o tratamento que a ela recebe são conhecidos.

A justificativa é que o processo de engarrafamento da água pode contaminá-la, ao contrário da água disponível ao abrir a torneira de casa, que é uma água remineralizada.

A companhia responsável pelo tratamento e distribuição da água na cidade se chama Águas de Coimbra, e foi eleita a melhor empresa do setor em Portugal³. Os testes de qualidade da água são frequentes e a maior parte da população confia no tratamento e consome a água da torneira, economizando na compra da água engarrafada.

³ Fonte: http://www.aguasdecoimbra.pt/pages/ins_global.asp?cat=6&id=4

Este hábito só não é indicado quando a tubulação é muito antiga, como acontece na minha nova casa. Aqui, mesmo sendo bem tratada, a água fica com um aspecto turvo e um gosto estranho. Neste caso, eu preciso comprar água mineral, não tenho escolha.

Quando eu cheguei a Coimbra, morava em uma casa onde a água da torneira podia ser consumida sem preocupação. Ela não tinha um gosto estranho ou uma cor amarelada. Eu demorei um pouco pra acostumar, mas me adaptei, afinal, economia e qualidade é tudo o que a gente quer, principalmente em tempos de crise.

Pena que essa economia, eu não faço mais.

Crise no futebol?

Definitivamente, não.

As cifras continuam a ser altíssimas no futebol e ninguém questiona, por exemplo, o salário do português muito amado que joga na Espanha, Cristiano Ronaldo (carinhosamente chamado de CR7), que ultrapassa os 25 milhões de reais por ano. Isso porque ele não aceitou a proposta do Manchester City, que ofereceu uma bagatela de 510 milhões, mais o salário anual de 51 milhões. Parece mentira, mas não é! E ainda sim o CR7 andava triste, cabisbaixo. Quem entende?⁴

Mas não é o 10º maior salário do mundo entre os jogadores de futebol o motivo deste texto. Hoje foi divulgada uma lista com os valores que o Brasil gastou para reformar ou construir novos estádios para a nossa grande Copa do Mundo. Não vou entrar no mérito da discussão entre investir no futebol ou na educação, ou na saúde, ou em tantas outras coisas nas quais o Brasil está carente. O que eu quero mostrar é que essa lista me deixou curiosa e me levou a pesquisar sobre fatos que aconteceram aqui em Portugal.

Em 2004, antes da fadada crise, Portugal sediou um grande evento futebolístico, a Eurocopa. Acharam que era necessário construir mais estádios e reformar outros, para que o país fizesse um bom papel como anfitrião. Então, quando chegamos a Lisboa, por exemplo, vemos logo grandes estádios. Um deles é o José Alvalade (estádio do Sporting), o outro o Estádio da Luz (Benfica) e o Estádio Nacional. No Porto há outro, o Estádio do Dragão (do Porto). Além disso, há estádios em Coimbra (Académica), em Aveiro, em Braga, em Guimarães, em Faro, em Setúbal e em outras dezenas de cidades. São muitos (Seabra, 2013)

⁴ Fonte: <http://extra.globo.com/esporte/cristiano-ronaldo-real-madrid-aumenta-salario-para-craque-voltar-sorrir-6033919.html>

A Eurocopa foi um sucesso e os estádios são realmente lindos. Aqui em Coimbra o estádio do Académica é incrível, mas essa conversa toda não é para elogiar as belas arenas portuguesas e sim para mostrar que essa conta ainda não foi paga! E a construção (ou reforma) desses estádios ainda está envolvida em outra lista, a dos culpados pela crise.

No total, Portugal gastou (ou investiu, como eles preferem dizer) aproximadamente 2,4 bilhões de reais, mas esse “investimento” não deu retorno. E estamos falando de um prazo de nove anos! E mesmo que eu não quisesse ser pessimista, mas eu serei, esse retorno não virá... nunca. Futeboleira que sou, sei que um time precisa de torcida para lotar o estádio. Então concordamos que o Benfica, o Sporting, o Porto e até o Académica tenham grandes torcidas, mas os outros times não. Os estádios se tornaram elefantes brancos, daqueles imensos.

E os economistas se desdobram para tentar encontrar uma solução. Não há dinheiro para manter os outros estádios abertos. Não há público. Estamos em crise. Eu quis dizer, eles estão em crise. A ideia é, inclusive, demolir algumas das arenas, principalmente as que ficam desertas em dias de jogos. O fato é que há estádios que estão completamente fechados. Em uma dessas cidades, o time voltou a jogar no estádio municipal, que é menor e mais barato para manter.

O que eu não consigo entender é como se investe tanto assim em futebol. Mesmo adorando este esporte, acho que tudo tem limite. Portugal não é um país rico, ao contrário. Não soube nem acumular as riquezas extraídas das suas colônias! Mas se deu ao luxo de investir bilhões em estádios. E quem sou eu pra falar de Portugal, se no Brasil, somente a Bahia gastou mais de 2,2 bilhões na Arena Fonte Nova. É quase o total que o país português gastou! (levando em conta a época, mas ao mesmo tempo, a quantidade de estádios construídos e reformados aqui e o nosso único na Bahia).

Sobre o Brasil eu nem falo. Já sabemos todos os clichês, inclusive o do “pão e circo”. Eu não sou contra a Copa do Mundo, acho até que os benefícios para a população serão grandes. Eles investirão em transporte, estrutura, estradas, o que levariam muito mais tempo para fazer se não

fosse esse grande evento. Só acho, e essa é uma humilde opinião, que é um descaso deixar todas as nossas prioridades de lado, e voltar aos clichês de saúde, educação e segurança pública, para se pensar apenas no futebol.

O que eu desejo para o Brasil é que ele, ao contrário de Portugal, consiga um dia pagar as contas do futebol. E que venha o hexa.

Eis que alguém bate à porta

O que pode ser comum quando eu estou em casa, no Brasil, é alguém tocar a sirene (também conhecida como campainha). Aqui não. É raro um amigo vir me visitar sem antes avisar e, mesmo assim, as visitas não são tão frequentes. Geralmente os encontros são em shoppings, restaurantes, cafés. Mas ultimamente a sirene da minha casa tem tocado com alguma frequência. Eu me mudei há um mês e antes, nem sirene tínhamos em casa. E eu morava no terceiro andar, então eu não posso estabelecer comparações. Mas o que o simples ato de tocarem a sirene pode ter de importante?

O que me choca é a frequência com que as pessoas batem à minha porta e a todas as outras para pedir “uma ajuda”. É triste, constrangedor e um “tapa” de realidade na cara. Afinal, com crise ou sem crise, eu estou na Europa. É como se isso fosse a cara do Brasil, mas não a cara da Europa. É o nosso preconceito (ou o meu) falando mais alto.

E então, abro a janela (moro no primeiro andar e isso me distancia das pessoas que batem à porta) e vejo alguém desconhecido. Hoje em dia, eu já sei que é alguém pedindo ajuda. E, quem vem, traz um discurso pronto, o texto que repete em todas as casas. Alguns trazem as contas de água, de luz, para comprovar a necessidade de dinheiro naquele momento. E você olha e pensa: mas eu também estou em crise. Estamos todos. Quem ajudará a essas pessoas? E com qual frequência poderemos ajudá-los, se são tantos que pedem e não temos condição de ajudar a todos?

E eles não vêm somente à sua porta. Eles estão nas ruas, na porta dos shoppings, das igrejas. Eles estão mendigando. E eu repito: isso me choca. São homens, provavelmente pais de família, são mulheres, são pessoas com deficiências, são idosos. Eu só não vejo crianças. E isso me dá certo alívio.

Acredito que não haja crianças porque aqui em Coimbra há tipos de lares que as acolhem quando essas vivem em situação de risco, mesmo que esse risco seja causado pela família. Se for comprovado que os pais não cuidam bem, não investem, maltratam, expõe o filho a alguma situação de risco, a criança é recolhida e vai para esse lar. Antes de passar por um processo de adoção (resumindo um pouco), o lar procurar em meio aos familiares, alguém que possa cuidar da criança. É um processo rigoroso e cuidadoso. Então talvez isso justifique a ausência de crianças pedindo dinheiro nas ruas.

Acho que fui um pouco fria a escrever esse texto. Tentei ser imparcial e apenas relatar os fatos, por mais difícil que seja. Penso no nosso país, cheio de pobres, pedintes, que são escondidos “embaixo do tapete” em nome de uma política social que acredita acabar com a nossa pobreza, com as suas inúmeras bolsas. O Brasil é um pobre país rico. É uma mina de ouro mal explorada. E os dantes exploradores, que nos deixaram com um resto de ouro que pertencia a todos nós, hoje batem à nossa porta pedindo um pouco do que nos sobra.

Emprego já!

Os números do desemprego em Portugal são assustadores. O país que tem uma população de 10.772.905 habitantes, sendo que quase a metade é ativa, 5.587.300 indivíduos, sofre com a crise e com a economia falida do país⁵.

Em cinco anos, meio milhão de pessoas perdeu o emprego. Nos últimos três meses de 2012, esse número foi de 148.600 pessoas, entre eles, 40 mil licenciados. Para cada quatro jovens, um não tem emprego.

Esses são os números. E são alarmantes.

Como imaginar que a economia de um país gire se não há emprego? Para tentar amenizar o problema, há os Centros de Emprego, onde os desempregados se cadastram para receber os serviços oferecidos pelo governo, entre eles o subsídio desemprego, que passou por uma significativa mudança em 2012. O montante máximo a pagar desceu de 1258 euros para 1048 euros. Entre as novas regras, aprovadas a 19 de janeiro, pelo Conselho de Ministros, está o alargamento das prestações sociais aos trabalhadores independentes, que conhecemos como autônomos, mas a legislação neste sentido só entrou em vigor a partir de 1 de julho de 2012. Nestes casos, os subsídios apenas começaram a ser liquidados agora em 2013. O valor mínimo do subsídio é de 419,22 euros (valor abaixo do salário mínimo estipulado).

Há muitas diferenças entre Brasil e Portugal no que diz respeito ao apoio ao desempregado e elas não estão apenas nos valores. Aqui, os casais com filhos, em que os dois estejam desempregados, recebem 10% do valor do subsídio, mas esses mesmos 10% são reduzidos após seis meses. O

prazo mínimo é de nove meses e o máximo de 18 meses, mas pode ser alargado até 26 meses e antes poderia chegar aos 38 meses. E além de todas essas diferenças, ainda há uma curiosidade: o cidadão precisa se apresentar ao Centro de Emprego a cada quinze dias, em horários alternados e comerciais, para demonstrar que continua sem trabalhar.

Diante de tantos números, é possível entender a urgência pela necessidade da oferta de empregos em Portugal. Não somente pelo fato de estar desempregado, mas por depender financeiramente de um país cada dia mais em crise. (por7ugal.net, 2013)

Vende-se

É comum ver os anúncios de venda e aluguel de imóveis ao caminharmos pelas ruas de Coimbra, e não só aqui, mas em toda Portugal. Esta semana os jornais noticiaram uma redução de 13% na venda de imóveis, somadas à redução do ano anterior de 17% e, além disso, um regresso nos preços que hoje são praticados como há mais de dez anos. São os mesmos de 1999 e 2000.

A crise exigiu que os bancos se posicionassem em relação aos empréstimos e assim eles fizeram, reduzindo drasticamente os financiamentos dos imóveis. Vejo o resultado disso por aqui. Ao ir caminhando para a Universidade, passo por uma das ruas mais importantes e movimentadas da cidade. As placas de vende-se ou aluga-se estão por toda parte. As salas, os espaços vazios continuam lá, à espera de alguém que possa os ocupar e eu penso quando isso vai acontecer. Há quanto tempo aquelas placas já estão ali? Por quanto tempo elas permanecerão?

E não é só o mercado imobiliário que fica abalado com a crise, os proprietários também. Aqui em Coimbra, que é uma cidade universitária, muitas pessoas vivem da renda, como é chamado o dinheiro do aluguel. Compram casas ou apartamentos e os preparam para receber os estudantes. Isso foi uma fonte de lucro durante muitos anos, mas hoje é apenas uma ajuda para a sobrevivência, porque a quantidade de estudantes que vem à cidade diminuiu consideravelmente, e, aqueles que vêm, precisam procurar quartos mais baratos. Os proprietários precisam então escolher se diminuem o lucro, reduzindo o preço da renda, ou se correm o risco de ficar com os quartos vazios.

Esse quadro pessimista em relação ao mercado imobiliário em Portugal só é bom para quem tem dinheiro guardado e pretende comprar um imóvel. Por aqui, não vai ser tão fácil encontrar interessados, mas no Brasil, quem sabe? Alguém se habilita?

A crise que une

Os noticiários procuram novas maneiras de falar sobre a crise, levando em consideração que esse é o assunto mais abordado, discutido e repetido. Acredito que, pensando nisso, os jornalistas decidiram mostrar um lado bom da crise, aquele que une as pessoas.

A matéria que eu vi no jornal tratava o fato de pessoas estarem mais unidas por conta da crise e começou falando sobre jovens, que antes de irem para a balada, se reunem em casa para jantar, já que “comer fora” é muito caro. Então, o grupo entrevistado explicou como funcionava o rodízio: a cada balada, o jantar é na casa de um deles e esse envolvia os pais, os irmãos menores, ou seja, se tornava um jantar em família. Os pais de um deles falaram orgulhosos, felizes com a novidade de terem os filhos jantando em casa, antes da balada com os amigos. E essa atitude se tornou um hábito, tanto que o Programa Nacional de Alimentação Saudável de Portugal se envolveu e resolveu indicar um cardápio bom e barato, que envolve, além do jantar, sopa, pão, vinho e água.

A outra forma de unir as pessoas foi ideia de uma faculdade particular em Lisboa. A administração disponibilizou uma grande sala, equipando-a com fornos de micro-ondas e utensílios necessários para que os alunos que levam o almoço de casa se reúnam e façam essa refeição na faculdade. Essa medida foi tomada após perceberem que os alunos, aos poucos, deixavam de comprar o almoço na cantina da faculdade, principalmente por causa do preço.

Só para ter uma ideia do custo do almoço, na Universidade de Coimbra, há algumas cantinas para os estudantes. Nelas, o almoço é mais barato, em torno de 2,50 euros, o que equivale a R\$6,75 aproximadamente. Este gasto por semana seria de R\$33,75 e por mês, R\$135,00. Mas essas

cantinas são poucas e não estão em todos os prédios das faculdades. Na minha, por exemplo, o almoço custa 4,50 euros, ou seja R\$ 12,15 por dia, R\$60,75 por semana e R\$273,38 por mês. No meu caso, é inviável. Devo ter almoçado na faculdade não mais que duas vezes.

Não sei informar os valores da cantina da faculdade em Lisboa citada acima, mas posso afirmar que é mais caro do que Coimbra, como tudo na capital portuguesa. E em tempos de crise, vale mesmo apelar para a marmita e isso não é privilégio de Portugal nem dos estudantes. É hábito das pessoas fazerem o almoço em casa e levarem também para o trabalho, assim como prepararem lanches durante as viagens. Isso também é a cara da crise!

O que eu sei é que os estudantes desta faculdade almoçam juntos e se fortalecem, porque sentem que não são os únicos a não ter condições de arcar com os custos periféricos dos estudos. E se a crise une colegas e une pais e filhos, como tudo na vida, ela também tem um lado bom.

Filhos, não? Aborto, sim.

Em Portugal o aborto é despenalizado, ou seja, não é crime. Aqui a mulher tem o direito de escolher se quer ou não levar uma gravidez adiante e recebe todo apoio do governo, através da saúde pública, se decidir interrompê-la. A informação me assustou, principalmente porque eu imaginava que esse país era mais conservador do que o Brasil, onde este assunto é mais do que um tabu.

O aborto pode ser realizado de forma segura pela mulher em hospitais públicos e antes disso, ela passa por um processo de aconselhamento, através de uma consulta prévia, apoio psicológico, serviço social e auxílio na escolha do método abortivo. Há uma legislação específica sobre o aborto, que era proibido em todas as situações até 1984. Neste ano, surgiu a Lei n.º 6/84 de 11 de maio que permitiu o aborto em caso de perigo para a vida da mulher, perigo de lesão grave para a saúde física e psíquica da mulher, má formação fetal ou resultado de abuso sexual. Em 1997, houve uma modificação na lei, que alargou o prazo para o procedimento em situações de má formação fetal, mas, ainda sim, as suas restrições deixaram espaço para que o procedimento fosse feito de forma clandestina, levando as mulheres aos hospitais com abortos incompletos ou complicações graves.

Durante mais de três décadas, profissionais de saúde, organizações e personalidades discutiram e lutaram por mudanças, com o objetivo de combater o aborto inseguro e ilegal. Então, veio a Lei n.º 16/2007 de 17 de abril que permite a interrupção da gravidez, por opção da mulher, até a décima semana de gestação. O procedimento deve ser feito em um estabelecimento de saúde oficial reconhecido. A lei deixa claro que o aborto é despenalizado se todos os parâmetros forem respeitados, entre eles, a procura da mulher por um hospital público ou conveniado.

O fato é que, em meio à crise, os filhos são evitados. O desemprego no país só cresce e muitas pessoas têm medo de ter filhos e não conseguir sustentá-los. Se esse medo leva a mulher a fazer um aborto? Não posso afirmar. O fato também é que o governo deixa clara a preferência por oferecer um procedimento seguro à mulher, ao invés de tratar as consequências, que são desastrosas em alguns casos. Ele disponibiliza um *site* que explica detalhadamente o processo e a legislação, tudo de forma muito organizada.

É prematuro afirmar que o número de abortos aumentou no país. O que eu imagino é que tomar a decisão de fazê-lo não deve ser fácil e que algumas pessoas podem tomar essa atitude porque preferem não ter um filho a deixá-lo passar por alguma necessidade. Esclareço que esse texto não tem o objetivo de fazer apologia ao aborto, nem de recriá-lo. A ideia é mostrar a realidade do país, como foi feito em todos os outros textos, mesmo sendo esse, um assunto cheio de polêmica no Brasil.

A volta da Troika

Coimbra, 24 de fevereiro de 2013.

Nesta semana, Portugal passará pelo sétimo exame regular da Troika, feito por técnicos da Comissão Europeia, do Banco Central Europeu e do Fundo Monetário Internacional (FMI), com o objetivo de avaliar e fiscalizar as despesas públicas do país. Desta avaliação externa depende a liberação do empréstimo da Troika para Portugal. E isso me soa irônico. Faz-me lembrar do nosso Brasil-colônia, dependente das decisões do colonizador. É claro que Portugal não é colônia da Troika, mas ao mesmo tempo, não pode gritar aos quatro ventos a sua independência. Precisa mesmo obedecer, seguindo as exigências impostas para receber o tão necessário empréstimo.

E enquanto o povo protesta pelas ruas e pede ao governo que não cumpra essas exigências, ele faz justamente o contrário. É para demitir funcionários públicos? Que assim seja! Nessa semana, os manifestantes que acompanhavam o discurso do Primeiro Ministro de Portugal, Passos Coelho, começaram a cantar uma música marcante para o país, “Grândola Vila Morena” (eis o trecho inicial: “Grândola, vila morena / Terra de fraternidade / O povo é quem mais ordena / Dentro de ti, ó cidade”). Para mim, esta canção pode ser comparada, em importância para o povo, com “Pra não dizer que não falei das flores” (também conhecida como “Caminhado”), de Geraldo Vandré, que se tornou um hino de resistência do movimento civil estudantil e foi censurada na época da ditadura no Brasil por fazer oposição (eis o famoso refrão: Vem, vamos embora / Que esperar não é saber / Quem sabe faz a hora / Não espera acontecer). Passos Coelho reagiu sorrindo e dizendo que essa foi uma maneira inusitada de protesto. O plenário precisou ser esvaziado para que o discurso continuasse.

E os protestos podem ser vistos em qualquer parte do país. Há pichações pelos muros de Coimbra, paralisações e greves em Lisboa, Porto e outras cidades. É a crise! Em meio a isso, a economia do país não cresce, ao contrário, encolhe! Há dados que mostram um número alarmante,

até dezembro de 2012, havia 932 mil desempregados no país e a tendência é que esse número aumente. Há muitos portugueses, inclusive, querendo fazer o mesmo caminho percorrido há mais de 500 anos atrás, ou seja, ir para o Brasil. Somos a promessa de trabalho que Portugal já não consegue fazer.

Mas as polêmicas vão além. Este mês, um banqueiro muito rico (isso é até redundante) de Portugal fez a seguinte informação a respeito dos portugueses que reclamam da situação do país: “Se os sem-abrigo aguentam, por que os outros não?” a declaração foi assunto em todos os jornais, durante vários dias. O banqueiro acha que os acontecimentos servem para testar a resistência do povo, que não é, neste momento, quem mais sofre na Europa com a crise, já que a Grécia teve uma queda quatro vezes maior do que Portugal. E se os moradores de rua conseguem suportar a carência, por que os outros não toleram as privações?

Polêmicas à parte, o que é possível perceber pelos acontecimentos é que a crise não acabará tão cedo. A promessa era 2014, agora já se fala em 2015. Péssima notícia, mas não deve ser a única. A visitante ilustre dessa semana, a temida Troika, deverá trazer mais notícias indesejáveis aos portugueses (Jornal do Brasil, 2013).

Referências bibliográficas

AgênciaBrasil. (2012). Fonte: agenciabrasil.ebc.com.br: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2012-07-18/mapa-da-violencia-coloca-brasil-entre-os-quatro-paises-com-maiores-taxas-de-homicidio-de-jovens+&cd=1&hl=pt&ct=clnk&gl=br>

diariodeteresina. (2012). Fonte: diariodeteresina.com.br: <http://diariodeteresina.com.br/chamadas/mercado-preve-mais-inflacao-e-menos-crescimento-em-2012.html>.

ecofinancas. (2013). Fonte: [ecofinancas.com](http://www.ecofinancas.com): <http://www.ecofinancas.com/noticias/conab-reduz-previsao-safra-soja-12-13-para-81-94-mi-t/relacionadas>

Folha. (2013). *Folha de São Paulo*. Fonte: Folha de São Paulo: <http://www1.folha.uol.com.br/saber/882676-brasil-fica-no-88-lugar-em-ranking-de-educacao-da-unesco.shtml>.

G1. (2013). Fonte: g1.globo.com: <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2010/11/brasil-ocupa-73-posicao-entre-169-paises-no-idh-2010.html>

Gomes, C. (2007). *Crise de 1929 - Grande Depressão*. Acesso em 20 de novembro de 2012, disponível em Infoescola: <http://www.infoescola.com/historia/crise-de-1929-grande-depressao/>.

Gomes, L. (2010). *1822*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

IBGE. (2013). *Sala de Imprensa*. Acesso em 12 de dezembro de 2012, disponível em IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: <http://saladeimprensa.ibge.gov.br/noticias?view=noticia&id=1&busca=1&idnoticia=2170%3E>.

JOrنالdoBrasil. (2013). Fonte: [jb.com.br](http://www.jb.com.br): <http://www.jb.com.br/economia/noticias/2013/02/24/em-clima-de-protesto-troika-volta-a-portugal-para-avaliar-ajuste-financeiro/>

Lopes, R. (2011). *Crise econômica aumenta número de desempregados que chega a 200 milhões*. Fonte: O economista: <http://www.oeconomista.com.br/crise-economica-aumenta-numero-de-desempregados-que-chega-a-200-milhoes/>

MJ. (2012). Fonte: portal.mj.gov.br: <http://portal.mj.gov.br/main.asp?View=%7BD574E9CE-3C7D-437A-A5B6-22166AD2E896%7D&Team=¶ms=itemID=%7BC37B2AE9-4C68-4006-8B16-24D28407509C%7D;&UIPartUID=%7B2868BA3C-1C72-4347-BE11-A26F70F4CB26%7D>

MS. (2012). Fonte: brasil.gov.br: <http://www.brasil.gov.br/sobre/saude/maternidade/pos-parto/pacto-pela-reducao-da-mortalidade-infantil>

por7ugal.net. (2013). Fonte: Por7ugal: <http://www.por7ugal.net/>

PortalBrasil. (2012). Fonte: meionews.com.br: <http://www.meionews.com.br/index.php/noticias/17-polca/6936-pacto-pela-diminuicao-da-mortalidade-infantil.html>

Quadros, J. (2012). Fonte: <http://site.jorgequadros.com.br/>: <http://site.jorgequadros.com.br/>

Salek, S. (2011). Fonte: bbc.co.uk: http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/12/111227_brasilrankings_ss.shtml

Saudeweb. (2012). Fonte: saudeweb.com.br: <http://saudeweb.com.br/30163/pesquisa-mostra-que-saude-lidera-preocupacoes-dos-brasileiros>

Seabra, G. (2013). Fonte: extra.globo.com: : <http://extra.globo.com/esporte/cristiano-ronaldo-real-madrid-aumenta-salario-para-craque-voltar-sorrir-6033919.html>

Senado. (2012). Fonte: senado.gov.br: <http://www.senado.gov.br/jornal>> Ano XVIII – Nº 3.756 – Brasília, terça-feira, 16 de outubro de 2012.

Senado. (2010). *Senado encerra Mês do Servidor com palestra e inauguração de novo espaço da Secretaria de Recursos Humanos*. Fonte: RCV advogados: http://www.rvc.adv.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1453:advogado-servidor-publico-porto-alegre&catid=5:clipping&Itemid=65%3E.

Ticketbis. (2012). Fonte: prnewswire.com.br: <http://www.prnewswire.com.br/releases/pt/cresce-o-numero-de-brasileiros-que-viaja-ao-exterior-em-busca-de-shows-e-espetaculos/33470>

UOL. (2013). *Entenda a crise financeira dos Estados Unidos*. Fonte: uol.com.br: <http://economia.uol.com.br/ultnot/2008/03/31/ult4294u1176.jhtm>

Wikipedia. (2013). *Crise Russa de 1998*. Acesso em 05 de dezembro de 2012, disponível em Wikipedia: http://pt.wikipedia.org/wiki/Crise_russa_de_1998
